

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

**REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A
ADMINISTRAÇÃO ESPORTIVA NA FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Ricardo Okada Triana

Campinas, 2003

Ricardo Okada Triana



**REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A
ADMINISTRAÇÃO ESPORTIVA NA FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Educação Física, modalidade Treinamento em Esportes oferecido pela Universidade Estadual de Campinas.

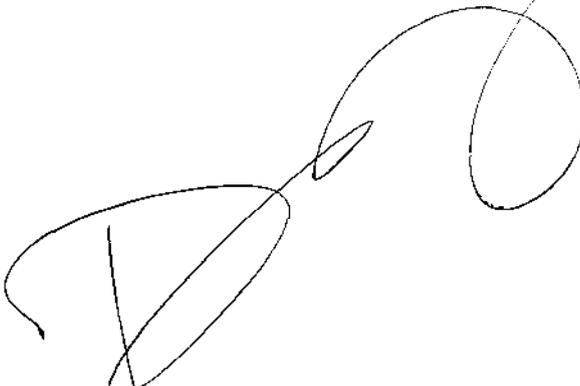
Orientador: Prof. Dr. Paulo César Montagner

Campinas, 2003

Ricardo Okada Triana

**REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO
ESPORTIVA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Educação Física, modalidade Treinamento em Esportes oferecido pela Universidade Estadual de Campinas.



Prof. Dr. Paulo César Montagner
(orientador)

Prof. Ms. Hermes Ferreira Balbino

“Nós devemos ser a mudança que desejamos
ver no mundo”

Mahatma Gandhi

“Se você não achou razão pela qual morrer
Então não merece viver”

Martin Luther King

“Fé em Deus que é justo, ei irmão
Nunca se esqueça
Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça, truta
Onde estiver seja lá como for
Tenha fé
Porque até no lixão nasce flor”

Vida Loca (parte I)
Racionais

AGRADECIMENTOS

Agradeço única e exclusivamente a DEUS...

Por me conceber em uma família que sempre me deu apoio irrestrito e incondicional;

Por possibilitar que eu tivesse a amizade de pessoas que sempre confiaram e me apoiaram em todos os momentos desde minha infância;

Por permitir que eu adentrasse uma faculdade onde encontrei mais amigos e professores, que ao longo desta jornada me ampararam e me ajudaram em todas as situações, principalmente “no final do segundo tempo” dedicando amizade, tempo e disposição para a confecção desta monografia;

Por fim, agradeço por Ele ter me dado tudo o que tenho.

RESUMO

O presente trabalho se dedica a realizar algumas reflexões acerca da administração esportiva na formação do profissional de Educação Física, levando em consideração a falta de estudos aprofundados e bibliografia nessa área, com o objetivo de explorar introdutoriamente os possíveis conhecimentos necessários à formação profissional da Educação Física e a habilitação necessária para atuar nesse campo. Para tanto, uma breve retomada histórica foi sistematizada visando entender a relação da Educação Física e o Esporte nas diferentes fases. Outra discussão presente foi o estudo de alguns documentos que ampliam as possibilidades de formação do profissional de Educação Física para a gestão esportiva, como a resolução 03/87 que possibilitou a criação dos cursos de bacharelado e a fundação da Faculdade de Educação Física da Unicamp pioneira neste assunto. A partir daí percorrer a trajetória destas até a atualidade, descrevendo seus objetivos, suas transformações e suas perspectivas. Em um segundo momento buscou-se entender o perfil profissional procurado e encontrado no mercado atual, apontando características relevantes do profissional, através de estudos teóricos e alguns aplicados na prática. Por fim, discutiu-se alguns aspectos em comum entre a concepção teórica e o campo de trabalho na formação profissional dessa área, sem qualquer intenção de propor novos parâmetros curriculares.

ABSTRACT

The aim of the present study was to reflect about sports administration in the graduation of the professional of Physical Education, considering the lack of deepened studies and bibliography in this area, with the purpose to explore introducing the possible knowledge necessary to the professional graduation and the qualification necessary to act in this area. For this, a brief historical retaken was systemized aiming at to understand the relation of the Physical Education and the Sport in different phases. Another present quarrel was the study of some documents which extends the possibilities of formation of the Physical Education professional for the sports management, like the 03/87 resolution that made possible the creation of bachelor courses and the foundation of the College of Physical Education of the pioneering Unicamp in this subject. From this point, covering the trajectory until the present time, describing its objectives, its transformations and its perspectives. In a second moment, it was attempted to understand the professional profile searched and found in the current market, pointing its notable characteristic, through theoretical studies and some applied experiences. At last, it discussed about some aspects between the theoretical conception and the business area in the professional formation, without any intention to consider new curricular parameters.

SUMÁRIO

Lista de quadros	11
1. INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA	15
1.2 METODOLOGIA.....	16
PARTE I	
RETOMADA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE.....	17
I.I A História da Educação Física no Brasil.....	23
I.II A Perspectiva Esportiva.....	32
PARTE II	
DE ONDE VIEMOS E ONDE NOS ENCONTRAMOS: O CASO DA UNICAMP.....	35
PARTE III	
BUSCA DE UM CAMINHO A PERCORRER.....	47
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
3. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO	61
4. ANEXOS	63

Lista de quadros

Quadro I - Disciplinas do 1º ano da ESEF São Carlos.....	37
Quadro II - Disciplinas do 2º ano da ESEF São Carlos.....	37
Quadro III - Disciplinas do 3º ano da ESEF São Carlos.....	36
Quadro IV - Modalidades da FEF/Unicamp.....	42
Quadro V - Disciplinas referentes à administração.....	43
Quadro VI - Classificação das competências nível I.....	51
Quadro VII - Classificação das competências nível II.....	52
Quadro VIII - Classificação das competências nível III.....	52
Quadro IX - Ordem de classificação das competências.....	53
Quadro X - Competências e ranking por categoria.....	54

1. INTRODUÇÃO

A administração esportiva há pouco tempo faz parte dos estudos das ciências do esporte, apesar de existir desde a antiguidade, talvez porque seja uma área muito influenciada por diversos fatores (cultural, financeiro, modismo, etc), fazendo com que projetos bem organizados prosperem em algumas instituições e em outras não, desconsiderando o conhecimento teórico dos administradores e a lógica de mercado.

A tecnologia e a globalização aceleraram os processos cotidianos, o tempo parece ter diminuído, não conseguimos realizar todas as tarefas e compromissos que desejamos deixando a vida mais “corrida” e estressante. Para manter o equilíbrio do corpo e enfrentar a rotina dos grandes centros cada vez mais pessoas procuram por alguma atividade física, fazendo assim aumentar o leque de atividades inovadoras atingindo mais especificamente o perfil de seu praticante.

A preocupação com a saúde tem gerado uma procura maior pelas atividades de lazer, principalmente as que contêm atividade física, causando um crescimento no setor de esportes e entretenimento transformando o segmento em uma indústria de bilhões de dólares. A “visibilidade” que uma partida de futebol em Copas do Mundo proporciona atrai o interesse de muitas empresas de todas as áreas de atuação que de um modo ou de outro usam da imagem do esporte e de seus atletas para abranger um público maior, fazendo com que cada espaço que possa ser visualizado através dos meios de comunicação, principalmente a televisão, sejam cotados a peso de ouro.

O esporte segue desde de seu surgimento uma evolução que visa atender as necessidades dos praticantes e espectadores, essa evolução fez com que o esporte perdesse as características de amador e lúdico para chegar ao *status* de espetáculo e profissional.

Às características do esporte-espetáculo agregou-se aos valores do capitalismo, tratando as competições esportivas como sendo um empreendimento, o que é verdade, criando novas maneiras de se entender o esporte, de forma mais mercantilizada. Estas características surgem principalmente na Europa e nos Estados Unidos chegando ao Brasil quase que exclusivamente pelo futebol, com a tentativa, ainda em processo, da criação dos clube-empresas.

O esporte-mercantil trouxe várias melhorias aos espetáculos esportivos como o aumento do conforto e segurança nos estádios e a adaptação dos jogos aos horários televisivos. Entretanto trouxe também alguns empecilhos que dificultam as grandes exhibições. As partidas dos esportes que se enquadram como esporte-mercantil perdem cada vez mais em qualidade e exibicionismo, deixando de objetivar o *fair play* visando apenas o resultado numérico, isso acontece por várias razões inclusive por falta de estabilidade financeira para os atletas que se destacam dentro das competições. Um exemplo disso está no Campeonato Brasileiro de Futebol deste ano que na sua metade, por falta de uma organização adequada, vendeu a maioria dos atletas que estavam se destacando para clubes de pouquíssima expressão internacional mas que ofereciam salários acima dos padrões nacionais, ocasionando uma desestabilização das equipes e a conseqüente perda da competitividade desta.

O esporte sempre busca se adequar às necessidades impostas pela sociedade e é fácil “constatar que, ao longo dos últimos 50 anos, pelo menos, os determinantes centrais das mudanças na organização do esporte-espetáculo estiveram progressivamente associados a uma lógica mercantil” (PRONI, 1998, p. 28).

Toda organização necessita de administradores preparados, com habilidades e conhecimentos que possam ser diretamente aplicadas para alcançar sua missão na direção de seus objetivos. Os autores Sonoo e Krebs (1991, p. 19) comentam que “inicialmente, as funções gerenciais na indústria esportiva requeriam conhecimentos na área de promoção de

eventos, que por si só já não é simples. Atualmente, a abrangência é tão grande que a complexidade é proporcional”, dessa forma, já não é mais possível admitir a transformação do grande nome do esporte (os astros, ídolos) num gestor esportivo, apenas em função de sua trajetória esportiva.

As organizações precisam de gestores que estejam preparados a ajudar seus proprietários e/ou dirigentes e sua equipe principal a formular e alcançar suas metas e objetivos, e não apenas de pessoas influentes dentro do clube que por gostar de esportes se considera hábil a representar os sócios fazendo da diretoria deste, e devido a falta do mínimo de conhecimento da área administrativa voltada ao esporte não consegue encaminhar a instituição no rumo que todos desejam e mais, ainda toma atitudes que comprometem a imagem e denigrem todos os profissionais envolvidos com o clube.

É importante ressaltar que o conhecimento prático (empírico) e a dedicação são requisitos básicos para o progresso no segmento, entretanto estes não podem vir se não acompanhados dos conhecimentos teóricos para que a partir daí se construam técnicas específicas para o setor. É preciso construir uma estrutura de projetos que possam configurar o futuro do esporte de uma maneira adequada à sua importância, para tanto, faz-se necessário conhecer a estrutura teórica que determina a situação atual do esporte no Brasil e de seus organizadores.

O esporte nacional ainda apresenta problemas em sua estrutura organizacional, a falta de dados confiáveis, de planejamento, de cumprimento de compromissos agendados e conforto nos espetáculos são exemplos disso, que acontecem por falta de gestores esportivos devidamente capacitados, fazendo assim com que o esporte perca credibilidade diante de investidores em potencial e de mercados consumidores.

O Brasil tenta contemplar essas transformações do mercado através de iniciativas com o propósito de desenvolver uma estrutura organizacional de qualidade. As entidades que

organizam o esporte nacional iniciam processos de reorganização de forma a se integrarem nesse novo estado da arte do ambiente esportivo, atendendo dessa forma as expectativas e necessidades da sociedade.

Embora ainda não se tenha alcançado nenhum modelo definitivo, já se pode perceber a ocorrência de profundas transformações no universo esportivo brasileiro, dentre as quais destacamos, para este estudo, a demanda por profissionais especificamente qualificados.

O profissional especializado na gestão esportiva faz parte desse quadro e o caráter de especificidade faz emergir a necessidade de um perfil profissional diferenciado. Entretanto, como essas necessidades são recentes, ainda permanecem nebulosas as características que deverão definir a especificidade do perfil profissional do gestor esportivo diante do quadro real e pragmático da cultura brasileira.

A carreira de gestor esportivo tem sido fundamentada, em cursos de graduação e especialização, em dois pilares de sustentação: a Educação Física e a Administração.

No caso brasileiro, o mais usual é que profissionais oriundos de qualquer área e muitas vezes sem formação específica alguma, apenas o passado esportivo, enfrentem o desafio da gestão esportiva, sem, contudo, uma preparação adequada.

1.1 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Os estudos realizados neste trabalho estão direcionados para a formação de administradores esportivos dentro das faculdades de Educação Física, isso porque esta é uma área ainda pouco debatida, com poucas publicações a respeito e uma pobre bibliografia específica, necessitando assim de mais estudos aprofundados que apontem para um perfil determinado de gestor esportivo brasileiro e que auxiliem novas pesquisas na direção de um aprimoramento dos conteúdos dentro da formação de profissionais para que estes atuem no

mercado em potencial, e que sirva de apoio para os próximos estudantes que queiram se arriscar nessa área de maneira mais sistematizada.

Ao final deste estudo pretende-se alcançar a resposta para duas perguntas em principal: Quais são os conhecimentos necessários na formação do profissional de Educação Física para atuar como administrador na área? E: o conhecimento disponibilizado nas faculdades de Educação Física é suficientes para preparar um bom profissional da/na área administrativa?

1.2 METODOLOGIA

Desenvolveremos nosso estudo através da análise e interpretação de dados obtidos em pesquisa do tipo bibliográfica e documental. Segundo Marconi e Lakatos (1988), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade “*colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito [...] sobre determinado assunto*” (p57-58). Desta forma, a base desta pesquisa será o estudo de livros, artigos especializados, documentos, dissertações e teses, o que possibilitará o acesso e manipulação de informações relevantes para nossa reflexão introdutória acerca da administração esportiva na formação do profissional de Educação Física.

O levantamento bibliográfico será feito em bases de dados disponíveis via internet. Não restringiremos o período de levantamento bibliográfico dos livros, dissertações, teses e artigos em periódicos por falta de material encontrado.

As bibliotecas setoriais da Unicamp, bem como a biblioteca central, estão com seus arquivos indexados na base Acervus, serão, portanto pesquisadas por este meio.

Os materiais bibliográficos selecionados foram adquiridos nas bibliotecas setoriais da Unicamp e pela própria rede de computadores (internet).

Realizaremos as pesquisas em todas as bases de dados por assunto. Inicialmente colocaremos a palavra chave “management”, “sports” e “Physical Education” para as bases em língua inglesa e “administração”, “esportes” e “Educação Física” para as bases em português.

Após o levantamento bibliográfico o material será estudado através da realização de fichamentos, que visarão abranger todas as informações relevantes para o estudo da administração esportiva e da formação do profissional de Educação Física, bem como sínteses das principais idéias de cada texto pesquisado.

PARTE I

RETOMADA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE

Através de um levantamento histórico da Educação Física será possível uma melhor compreensão de seus vários aspectos demonstrando a interação desta com as diversas manifestações da cultura humana.

A prática de atividade física sistematizada não é uma manifestação exclusiva do homem contemporâneo, porém ao decorrer da história ela sofre dificuldades que variam de acordo com as contradições e inerentes a cada realidade e regimes políticos. (CASTELLANI, 1994).

Desde que temos registro da história do homem ele dependia de movimentos, atos físicos para sobreviver. As atividades físicas estavam presentes a situações de nomadismo; em suas constantes migrações em busca de moradia e alimentação, o homem realizava longas caminhadas, lutava, pescava, nadava, corria e para isso necessitava de força e resistência físicas. Mas o homem se diferenciava dos animais no plano psicomotor, dominando seus gestos, movimentando-se intencionalmente, conseguindo aperfeiçoar a habilidade de lançar. Assim foi tornando possível a caça e a pesca, que na época constituíam a base da economia. Porém quando os povos primitivos começaram a dominar técnicas rudimentares de agricultura e domesticação de animais, o homem começou a se instalar em áreas fixas. (OLIVEIRA, 1983).

Penna Marinho (1980) menciona que cada dia do homem primitivo era como uma lição de educação física, já que necessitava correr, saltar, lançar, levantar e transportar para conseguir sobreviver diante das adversidades.

Depois de instituído o processo de sedentarização, começaram também as lutas constantes por posse de terras. Os grupos que ainda eram nômades lutavam com os outros para conseguir a terra ocupada. Então o homem passou a precisar de vigor físico para combater os grupos nômades.

Dando um avanço na história, baseando-me em Oliveira (1983), encontramos a dança como uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo, era uma espécie de ritual que servia para exibirem suas qualidades físicas e expressarem seus sentimentos. Há indícios na literatura que ela era praticada por todos os povos desde 60.000 a.C. A dança representava um papel fundamental no processo de educação na medida em que se fazia presente em todos os ritos que preparavam os jovens para a vida adulta. Desde essa época os jogos já implicavam criar uma ordem moral e social, era praticado por crianças e adultos e as atividades lúdicas levavam ao aparecimento de uma hierarquia de valores ético-sociais, e tanto os vencedores quanto os perdedores deveriam aceitar os resultados com esportividade.

Os primeiros povos antigos já percebiam que o exercício físico proporcionava uma espécie de excitação interior, podendo levá-los a estados alterados de consciência.

Já na Antiguidade Oriental podemos dizer que a Educação Física era tratada com ordem guerreira, terapêutica, esportiva e educacional, porém ainda não se pode denominar a educação física ciência ou mesmo área de conhecimento.

Os chineses foram considerados os primeiros a racionalizar o movimento humano, criando o mais antigo sistema de ginástica terapêutica, o Cong-Fou na dinastia do imperador Hong-Ti. Além de curar as enfermidades do corpo, servia para torná-lo “leal servidor da alma”.

Tubino (1991) retrata ainda que este povo assumia um caráter higiênico em suas atividades físicas, enquanto os japoneses relacionavam a atividade física ao mar, por sua posição geográfica, além da prática guerreira com os samurais.

A Índia, segundo Oliveira (1983), contribuiu para a história da educação física por atingir o maior grau de elevação espiritual de toda a humanidade, destaca-se como sua manifestação suprema o yoga, que concentra movimentos físicos coordenados à respiração. Ainda nesta fase da história, os egípcios destacaram-se pela formação guerreira, estimulada pela longa guerra de independência, se exercitavam de maneira aplicada, provocando um treinamento rigoroso de seus soldados. Considerados como mais sanguinários da antiguidade, na região entre os rios Tigre e Eufrates estavam os sumérios, os caldeus ou babilônios e os assírios. Eram cultores da força e resistência física, desenvolveram sua formação guerreira através de um adestramento no uso do arco e flecha, na prática da equitação e nas lutas.

O Egito, no Oriente Próximo, atingiu o mais alto grau de aperfeiçoamento no terreno esportivo. As pinturas deixadas nas paredes dos túmulos reconstituíam as atividades físicas praticadas por este povo: exercícios gímnicos, arco e flecha, boxe, natação, remo, as corridas de carros e a dança. (PENNA MARINHO, 1980).

Oliveira (1983) nos conta que a China por sua vez foi a mais antiga possuidora do esporte com hábeis caçadores, lutadores, nadadores, praticantes de esgrima, hipismo e de um esporte que hoje chamaríamos de futebol, o tsu-chu. Mas é no Ocidente, mais especificamente na civilização grega, que se dá o início autêntico da história da educação física. Postulava o mais significativo de todos os princípios humanistas considerados que o homem só é humano enquanto completo.

Os Jogos Gregos da antiguidade trouxeram práticas esportivas como natação, hipismo, esgrima e outros, mas não são entendidos como esporte “*em razão das escassas competições e, principalmente, da ausência de uma organização esportiva*”. (TUBINO, 1991 p. 29)

Oliveira (1983) acredita que o esporte passa a ser aceito com os jogos da Grécia Clássica quando aconteceram competições caracterizadas como organizadas.

O próximo período histórico se dá pela formação das cidades-estados, principalmente Atenas e Esparta. Esparta era a cidade mais desenvolvida desse período, alimentava uma política e uma educação voltada para a formação de soldados, característica da época homérica e de seus antepassados dórios. Possuía uma política de eugenismo e outorgava o direito de condenar os nascidos raquíticos e disformes.

Embasado em Tubino (1991) podemos dizer que surgem os grandes Jogos Gregos, dos quais participava toda a comunidade helênica, eram festas populares que além de competições envolviam provas atléticas, literárias e artísticas. A época dos jogos era marcada por grande mobilização da sociedade que cessavam as lutas internas em nome da honra maior da participação esportiva. Por causa da educação voltada ao físico dos espartanos, estes venciam a maior parte das competições. Em Atenas a história se dá um pouco diferente, não adotando o caráter militarista, a prática esportiva então se consolida como meio para a formação total do homem, não se prestando apenas à preparação para a guerra. Atenas mantinha uma infraestrutura que não servia apenas para a educação física, os ginásios e estádios também eram utilizados na formação intelectual do povo, servindo de exemplo para todo o mundo grego, exceto para Esparta.

O autor menciona que neste momento já surgiam organizadores de eventos esportivos apontados por influência política e social, formando um corpo docente organizado e hierarquizado, que conduziam administrativamente e tecnicamente as atividades dos praticantes.

As atividades físicas já possuíam seus orientadores caracterizados na figura do ginasiarca - espécie de reitor - e do pedótriba correspondente ao professor de educação física. (OLIVEIRA, 1983).

Segundo Penna Marinho (1980) o declínio da civilização grega fez-se refletir em todos os setores da cultura grega, a prática da atividade física começa a perder seus ideais

humanistas, os atletas especializam-se contrariando os objetivos educativos, estéticos e de saúde. Surge a profissionalização e com ela a corrupção de atletas e juizes, contrariando os ideais forjados até então. Fato esse que demonstra a fragilidade dos ideais do esporte perante o interesse político e econômico de uma pequena parcela da população que se preocupa somente com o benefício pessoal.

Os romanos, para Oliveira (1983), praticavam suas atividades físicas no gigantesco campo de marte (3km de extensão por 1,5km de largura) que posteriormente serviram para a construção de uma das mais importantes instalações esportivas romanas, onde os jovens eram adestrados fisicamente para cumprir seu papel social utilitarista. O esporte romano não contém o objetivo humanista dos gregos, passa a ser utilizado como sinal de virilidade e para distrair a população.

No período como nos conta Penna Marinho (1980) imperial multidões exaltavam com exibições dos gladiadores lutando entre si ou com animais, esse contexto fazia parte da política do pão e circo. Os imperadores conquistavam a simpatia popular, distribuindo doses diárias de trigo e alienando a plebe com artifícios esportivos de inspiração ideológica. Na idade média a educação física fica suprimida devido aos ideais da época que se preocupavam mais com o intelectual que ao físico.

Seguindo o mesmo autor, é no feudalismo que as atividades físicas reaparecem sempre enlaçadas ao ideal de guerra, com a intenção de preparar cavaleiros. Estes por vezes não sabiam ler nem escrever, mas eram hábeis na equitação, caça, esgrima e arco e flecha.

Na Inglaterra, segundo Oliveira (1983), surgem jogos, quase sempre coletivos, que depois de passarem por transformações possam a possuir formas bem conhecidas como o soule, um violento esporte praticado com os pés e as mãos que pode ser o ancestral do futebol e do rugby. Na Itália esse mesmo jogo era conhecido como cálculo.

O jogo de malha era uma variação do soule e era desenvolvido com um bastão, aparecendo hoje como hockey. O frontão era tão popular quanto o soule e hoje o conhecemos como tênis.

No renascimento, uma nova fase histórica Penna Marinho (1980) nos reporta que a educação física torna-se assunto dos intelectuais na tentativa de reintegração do físico e do estético as preocupações educacionais. Os exercícios físicos passaram a ser prioridades para o ideal da educação cortesã.

Grandes pensadores renascentistas como Veggio, Montaine, Mercuriale escrevem e publicam sobre movimento humano, exercício físico e reflexões sobre a importância do exercício físico. Estes foram precursores de uma tendência que mais tarde daria base a educação física escolar.

Oliveira (1983) reporta que a educação física renasce com a revolução industrial e francesa. Nesse período começou a preocupação maior pela educação física devido a muitos problemas posturais causados por longas jornadas de trabalho ou mesmo de estudo a quais toda a população era submetida. Muitos fatores influenciaram o renascimento físico, dentre eles destacam-se quatro correntes. A Alemanha trouxe de volta os ideais clássicos dos helenos, que foram sufocados pelo aparecimento de um novo modelo ginástico que atendia os desejos nacionalistas da população. Os exercícios não se destinavam a educação escolar mas a educação do povo. Os nórdicos da Dinamarca criaram o mais antigo estabelecimento militar de ginástica do mundo e quatro anos mais tarde um instituto civil de ginástica para a formação de professores de educação física.

Os suecos pretendiam que a ginástica gerasse uma raça livre do processo de alcoolismo e tuberculose. Nessa época foram consolidadas as bases da ginástica sueca.

Na França a ginástica foi introduzida por militares. Em 1819 foi fundado o primeiro instituto de ginástica para o exercito e escolas civis. A ginástica francesa era caracterizada

pelo espírito militar preocupando-se basicamente com o desenvolvimento muscular. A ginástica francesa tem grande importância pois dela chegaram os primeiros estímulos que vieram constituir os alicerces da educação física brasileira. A corrente inglesa concebia envolver a prática esportiva num âmbito pedagógico social dando importância ao fair-play, dentre as quatro foi a única com orientação não-ginástica. O francês Barão de Coubertin após introduzir o esporte no sistema educacional francês, busca restaurar os Jogos Olímpicos. É também de autoria do Barão a frase: Às mulheres no esporte compete apenas a entrega de premiações. Os austríacos na década de 20 foram defensores dos exercícios naturais realizados ao ar livre, criaram a ginástica natural e fundamentaram a educação física cientificamente. A doutrina austríaca foi interrompida com a subida de Hitler ao poder em 1933. Prega-se então o sistema patriótico social com o objetivo de preparação militar. É nessa época que estudos de outras áreas como fisiologia e biomecânica dão caráter científico a educação física.

1.1 A História da Educação Física no Brasil

Os estudos de Penna Marinho (1980) apontam que a história do Brasil é em grande parte marcada pela colonização. Os índios praticavam várias atividades físicas como natação, lutas, arco e flecha, pesca, montaria, canoagem e corridas, que faziam parte de seu dia a dia, assim como na pré-história.

Apesar de seu nomadismo e a falta de espaço ocioso para a prática esportiva uma das contribuições dos indígenas considerada original é o jogo de peteca.

A chegada dos jesuítas marca o início da história da educação brasileira, que passa a consistir basicamente em conversão ao catolicismo e alterar os hábitos culturais. A parte da

manhã era dedicada ao aprendizado intelectual e a tarde era destinada aos exercícios físicos como forma de liberar as tensões que lhe eram impostas.

Em todo o período que passaram por aqui os jesuítas não fundaram sequer uma universidade, mostrando o descaso com a evolução da educação e do pensamento da população local.

O início da história da educação física é marcada por volta de 1828, aonde os primeiros livros são editados no Brasil, incluindo em seu conteúdo assuntos absolutamente diversos da Educação Física atual, com o título “Tratado de Educação Física: Moral dos Meninos”.

No final do império, o exercito adota a ginástica alemã, assim como nos meios escolares. Surgem já nessa época reações por parte daqueles que viam a Educação Física como meio de educação e não de adestramento físico.

No período Imperial, Oliveira (1983) diz que a Educação Física escolar não recebeu grandes estímulos sendo influenciada por duas grandes áreas: a médica e a militar.

Apesar de não possuir grande importância na educação a Educação Física fazia parte das preocupações da intelectualidade nacional, principalmente com Rui Barbosa que soava até utópico para a época.

No período de República o futebol chega ao país, por volta de 1894, importado da Inglaterra. Já na década de 30 surge o remo como a primeira paixão esportiva brasileira. Outros esportes foram introduzidos como a natação em 1896, o basquete e o tênis em 1898.

A raiz militar da Educação Física é consolidada com a criação do Centro Militar de Educação Física, com a função de difundir e coordenar o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas.

A Educação Física na década de 50 estava inserida no Ministério da Saúde, anteriormente pertencia ao Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos e ficou marcada pelo método Francês que foi destituído com muito esforço.

Em relação ao esporte de alto nível o Brasil já se revelava como potência em quase todas as modalidades em confrontos sul e pan americanos.

A Educação Física inicia-se no Brasil com características confundidas em muitos momentos com os militares, pois foram eles que trouxeram os primeiros estabelecimentos especializados do país. Desde 1810 com a criação da Academia Real Militar até a marcante presença dos militares na formação dos professores de Educação Física confirmam o fato. (CASTELLANI 1994).

Para que possamos discorrer sobre a Educação Física devemos analisar a influência que esta sofreu das instituições militares.

Com a influência do positivismo sobre as instituições militares a Educação Física assume algumas características desse movimento, sendo usada como instrumento para a manutenção da “ordem e progresso”, tendo extrema importância para forjar o indivíduo “forte” para a implementação do processo pelo qual passava o país. Entretanto, com os objetivos higienistas influenciados pelos médicos, além dos militares, a Educação Física passa a ser entendida como uma educação para o físico. Esse processo que buscava alcançar princípios da medicina higienista pronunciava os malefícios da estrutura familiar, se auto proclamando os profissionais mais competentes para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual. (CASTELLANI 1994).

Através desse discurso médico higienista podemos entender a “*Educação Física como sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral*”. (SOARES, 1994 p. 86).

A autora acima nos mostra ainda que os médicos, baseando nos conhecimentos europeus, traçaram um modelo de sociedade brasileira disciplinador e moral objetivando a melhoria da saúde, da paz e da harmonia social.

Foi também apoiado nos ideais higienistas que se iniciou o incentivo à ginástica nos colégios, porém essas tentativas passaram por fortes movimentos contrários, isso porque não cabia a burguesia exercer atividades físicas que visassem lucro e que seus filhos não podiam ficar expostas ao sol ou a chuva e nem proporcionar a seus corpos infantis o desprazer e o sofrimento da ginástica. (SOARES, 1994).

A posição contrária fez-se ainda mais forte no caso das mulheres, já que a idéia de ginástica para os homens se fazia nas instituições militares.

Mesmo com essa repugnância quanto a Educação Física muitos foram os esforços para que esta fosse obrigatória nas grades curriculares. De grande importância para esse fato foi o "*Parecer de Rui Barbosa no Projeto de número 224, denominado 'Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instituição Pública'*", Castellani (1994, p. 47), Parecer este que deu destaque a Educação Física.

O Parecer de Rui Barbosa trazia uma questão importante: "*a do Homem forte, condição de um povo e de uma nação forte*". (CASTELLANI 1994, p. 47). Com isso mostrava a mudança desejada no perfil da população, trazendo a tona os valores eugênicos de melhoria da raça.

Nessa questão a Educação Física foi crucial preparando homens e mulheres fortes e saudáveis para gerar filhos fortes e saudáveis, mais aptos a defenderem a pátria e levarem a nação ao progresso.

Para Castellani (1994), começa-se a desenhar o estereótipo do homem e da mulher sob o ponto de vista higienista. Ambos deviam ser fortes e "saudáveis", a partir daí começou-se a

propor a ginástica para ambos os sexos na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os níveis.

A Educação Física para as mulheres segundo Fernando Azevedo, citado por Castellani, deve ser, portanto, *“integral, higiênica e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães”* (p. 52).

A influência eugênica da política higienista, para Soares (1994), também se reflete na Educação Física escolar, já que a Educação Física pensada pelos médicos seria mais bem instalada nos colégios, não deixando que estes fossem um prolongamento da desordem familiar.

Após a proibição do tráfico negreiro o país começa um novo momento, muito mais próspero. Preocupados com isso, a elite da sociedade brasileira, dá mais importância a educação, conseqüentemente à educação física, já que o físico educado, ou disciplinado, era necessário nesse novo momento.

Soares (1994) ainda nos conta que a prescrição da ginástica nas escolas se diferencia quanto a sexo e faixa etária. Para as meninas estava destinado o piano, canto e declamação; para os meninos saltos, carreira, natação, equitação e esgrima; e para ambos a dança.

O apuramento da raça é então valorizado pelas elites dirigentes, fazendo com que a Educação Física fosse buscar conferir cientificidade em outras áreas: anatomia, fisiologia, etc.

Através da Educação Física a política higienista pode ditar as elites *“normas do ‘comportamento saudável’, e, através dele, inculcar valores de urbanidade, racismo, superioridade masculina, entre outros”*. (SOARES, 1994, p.100).

A preocupação com a Educação Física aumenta, isso pode ser notado com a inclusão do tema aos Congressos Brasileiro de Educação. A ela se destina o papel do aprimoramento da raça e do robustecimento do povo.

Castellani (1994) percebe aí uma mudança no papel da Educação Física, o processo da eugenia agora se apoiava em dois pilares: voltar-se para o atendimento dos princípios de segurança nacional, onde cabia a população a defesa da nação, diante dos “perigos” internos e externos. Além de voltar-se aos deveres da economia, com mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada, preocupando-se com a força de trabalho do homem.

Nos anos 30 o país passava por um novo processo de mudança econômica, perdendo as atuais características agrárias para rumar em direção ao capitalismo industrial. Então os militares tomaram o poder iniciando o Estado Novo para atender o desejo das duas burguesias, a agrária e a industrial, na tentativa de salvar a agricultura decadente e impulsionar a industrialização.

Essas mudanças refletem-se também na Educação, esta perde sua neutralidade, passando a ser regida pelos ideais políticos e econômicos, através de um sistema de diretrizes morais que representa a então ideologia do Governo nacional. *“As diretrizes ideológicas que nortearam a política educacional naquele período possuíram como substância a exaltação da nacionalidade, as críticas ao beralismo, o anticomunismo e a valorização do ensino profissional”*. (CASTELLANI, 1994, p. 79).

Neste momento a Educação Física passa a ter um papel complementar, assim como a educação moral e cívica, a de militarização do corpo e do espírito. Através dos exercícios físicos buscava-se a moralização do corpo e o aprimoramento da raça. A importância dada ao aprimoramento das destrezas físicas leva ao absurdo de se proibir a matrícula de alunos com problemas patológicos que impeçam a execução das aulas de Educação Física.

O processo de militarização do corpo se expande ganhando cada vez mais importância, nesse sentido Hélios Póvoas publica um artigo denominado “A tese: A marcha para as alturas”, na revista de Educação Física em novembro de 38, que foi transcrito por Castellani (1994, p. 87):

...Entreguemos ao exército todos os poderes para que, no setor de Educação Física, ponha em prática em todo território nacional, a sua técnica disciplinadora que é, no momento, um evangelho salutaríssimo à nação. Para nos pôr a salvo das tormentas, organizando a nossa defesa, o exército glorioso precisa de um 'Homem brasileiro', com todas as letras maiúsculas, bem maiúsculas. Confiantes, entreguemos-nos a ele, porque só ele dispõem dos elementos necessários a um renascimento de vigor físico indispensável à organização bélica de uma Pátria, ainda que a mais pacífica, como a nossa. Seja o Brasil, todo ele, no tocante à Educação Física, uma Escola de Educação Física do Exército...

Estes e outros escritos da época deixam bem claros os objetivos traçados para a Educação Física neste período, o ideal de homens que possam defender a pátria através de um renascimento físico e uma organização bélica, como citado acima, se desenhava dentro do exército e tentava se expandir para as escolas, principalmente nas aulas de Educação Física.

Adiantando-se na história...

...o ensino superior no Brasil permaneceu durante muito tempo sem a existência de uma universidade. As primeiras escolas superiores foram duas escolas de medicina, seguidas de faculdades de direito, de minas e mineração e de engenharia. Após os 42 projetos de universidades do período imperial do nosso país, já no período republicano, em 1920, apesar de reação, a união de quatro escolas superiores do Rio de Janeiro recebe o nome de universidade, o que só foi conseguido em 1937. Em 1934, em São Paulo, e 1935, no Rio de Janeiro, são criadas duas universidades caracterizadas como utilitárias. (COSTA, 1988).

Atualmente percebe-se que essa dificuldade em iniciar cursos universitários diminuiu bastante, atualmente no Brasil existe uma infinidade de cursos de Educação Física que formam alguns milhares de profissionais todos os anos para atuarem nos mais diversos

setores. Esse crescimento exacerbado gerou muitos profissionais, mas com poucas qualificações, preparando bons técnicos esportivos.

Costa (1988) entende que a formação universitária do professor de Educação Física, para fugir à tradicional identificação com a formação de atletas esportivos, orientou-se, nos últimos tempos, no sentido generalista, pouco compreendido pelos responsáveis pela formação que, ao invés de compreendê-las como estudos básicos que possuíssem generalidades de conteúdos que permitissem gerar conhecimento para o exercício das diferentes funções profissionais, o fizeram com pinceladas superficiais dos diferentes conteúdos necessários.

A Educação Física no Brasil até bem pouco tempo se restringia apenas ao curso de licenciatura, voltado para a formação de professores mecanicistas para o ensino médio e fundamental, porém esta começou a se desarticular com as exigências do mercado, começando a universidade formar profissionais diferentes ao que a sociedade exigia. Seguindo essas mudanças o Conselho Federal de Educação Física, com a resolução nº 03/87, através de modificação do fundamento legal, abriu a possibilidade das instituições de ensino superior oferecerem o curso de bacharelado em Educação Física. Para Lima (1994, p. 63 *apud* Delgado, 1999, p. 5) *“a criação dos cursos de bacharelado em Educação Física, permite, além do atendimento a um mercado de trabalho emergente e importante, limitar as distorções dos cursos de licenciatura”*

A criação do curso de bacharelado foi importante tanto para os estudantes - que obtiveram uma opção de formação mais condizente com seus interesses – como para a sociedade que pode ser atendida de maneira mais específica no sentido de atender suas expectativas. Para tanto Tojal (1997) acredita que

“é importante a formação profissional no sentido da preparação de mão de obra especializada em nível superior, com capacidade de estudar, entender e desenvolver as questões referentes à determinada área de conhecimento e atuação, junto à sociedade”.(p. 32)

A falta de preparo adequado para a atuação junto ao mercado de trabalho que se dava ao profissional de Educação Física fica evidente quando se buscam informações quanto ao espaço ocupado por esses profissionais que se encontravam distribuídos em diferentes atividades, atuando, às vezes, em diferentes funções. Nesse sentido encontra-se o trabalho de Resende & Ferreira (1984, p. 39), encontrado em Costa (1988, p. 216), que investigaram a ocupação dos profissionais licenciados em Educação Física no Rio de Janeiro, egressos das IES/RJ dos anos de 1978, 1980 e 1982. Ele nos mostra que a grande maioria atuava como professores de Educação Física curricular no 1º e 2º graus, técnicos e preparadores esportivos e professores de ginástica estética. Fato importante que também se deduz é que já nessa época encontra-se profissionais atuando em um bom número com educação física especial, recreação e animação sócio-cultural e como coordenador e supervisor. Enquanto poucos atuando como professores universitários e professor de lutas, mostrando que este espaço ainda não era bem explorado pela Educação Física.

As necessidades da sociedade acarretando a expansão do mercado de trabalho têm exigido a formação de profissionais cada vez mais especializados, que aos poucos são supridas pelas faculdades de Educação Física, Delgado (1999), que devem estar preocupadas com as necessidades da sociedade, principalmente em estudá-las na busca do desenvolvimento de diferentes tecnologias, tentando satisfazê-las, mas que não deverá, por essa razão, oferecer a cada momento uma formação especializada e única ao profissional, que certamente o eliminaria de cada nova exigência surgida. Costa (1988) entende que se conseguirmos refletir usando o presente, a sabedoria do passado e a perspectiva do amanhã estaremos, certamente, navegando em direção a uma formação de um profissional capaz de ultrapassar e suscitar as mudanças necessárias para uma sociedade mais justa e feliz.

A Educação Física, como pôde ser notado, evolui e se adapta às necessidades impostas e exigidas por questões de sobrevivência, políticas, econômicas e sociais para estar sempre atualizada diante das mais diversas situações.

Um novo tema que surge e precisa ser mais bem estudado é a administração esportiva, isso para que a Educação Física continue sempre consciente e competente na sua área de atuação e formando profissionais capacitados a darem continuidade a esta adaptação teórico-prática.

Devido a grande relevância desse tema preferiu-se dedicar a ele exclusiva atenção em um capítulo único no qual discorrerei de forma mais aprofundada sobre seus aspectos mais importantes.

I.II A Perspectiva Esportiva

Apesar da Educação Física e o Esporte trilharem caminhos bem parecidos faz-se necessário uma visão mais detalhada do último e para isso utilizou-se de Tubino (1991) e conseqüentemente dos autores que ele utiliza.

Após a decadência romana, que levou junto o movimento esportivo, e o começo da Idade Média reencontramos o esporte apenas em 1928, na Inglaterra, onde segundo Tubino (1991, p. 43-44), apoiado em Ueberhost, Ulmann, Grifi e outros autores, o esporte renasce por Thomas Arnold, *“no Colégio Rugby, que se utilizou dos jogos aristocráticos e burgueses dos ingleses, os quais, por política livre dos estudantes, foram gradualmente codificados e organizados”*.

O esporte moderno teve uma origem na perspectiva pedagógica, ainda assim estimulava alguns aspectos que viriam a ser base para a ética esportiva.

Ao esporte moderno foi introduzido, por seu criador, o caráter utilitário, que divergia da idéia de Platão que tentava unificar o corpo e alma.

O esporte depois de ganhar espaço na Europa chega à América do Norte onde Pierre de Coubertin tenta restaurar os Jogos Olímpicos e o olimpismo.

A primeira Olimpíada Moderna aconteceu em Atenas, 1896, com o propósito da aproximação dos povos e da paz mundial.

O movimento olímpico foi um propulsor do movimento esportivo no mundo, juntamente com as ACMs (Associações Cristã para Moços), “ *que além de adotarem práticas esportivas no conteúdo de suas atividades, ainda criaram novas modalidades esportivas, como o Voleibol e o Basquetebol*”.(p. 46).

Embora existam outras teorias sobre a origem do esporte moderno, todas concordam com a de Arnold e seu caráter competitivo.

O esporte cresceu de maneira acelerada pelo mundo, a autonomia das federações, o interesse da mídia e o apoio estatal, dos diversos modos foram fatores importantes para transformar o esporte num fenômeno.

Depois dessa expansão o esporte passa a ter grande importância política, sendo usado como instrumento ideológico. Hitler, nas Olimpíadas de 1936, foi o primeiro a utilizar o esporte dessa maneira, tentando provar a supremacia ariana. Surpreendido pelo norte-americano Jesse Owens, que conquistou quatro medalhas de ouro, teve que se retirar antecipadamente para não ser obrigado a premiar um atleta negro. (FREITAS 2001).

Apesar de fracassar em suas tentativas conseguiu implantar um ideal que emergiu com a “Guerra Fria”.

Como também serviu de instrumento político-ideológico “*palco de uma disputa político-ideológica, principalmente entre o capitalismo e socialismo, arranhando, a cada*

momento, os caminhos éticos desenvolvidos desde a concepção de Arnold” (TUBINO, 1991 p. 53).

Surge também o conflito entre amadorismo e profissionalismo, com o aumento nos casos de doping, corrupção, avanço tecnológico e aumento das horas diárias de treinamento, causando uma substituição no quadro ético-esportivo, que visava o associacionismo e o fair-play por outro que tendia a consolidação dos erros.

Vários foram os autores e documentos que tratavam do fenômeno esportivo, dando a ele uma infinidade de características, por vezes contraditórias e incongruentes.

Após passar por várias tendências o esporte, no final da década de 70, passa por uma modificação conceitual, podendo ser entendido através de três perspectivas: o esporte educação, popular e de rendimento. Isso se dá pelo fato do pressuposto do direito de todos às práticas esportivas.(TUBINO, 1991)

O esporte sempre teve e sempre terá, espero, objetivos tão dignos e honrados quanto a sua prática, entretanto, por vezes a ganância faz com que seus valores sejam deturpados passando a serem utilizados com o propósito de beneficiar alguém ou uma instituição seja de maneira financeira, política ou social.

É imprescindível que esse quadro seja alterado, não apenas com mudanças em leis e estatutos, para uma transformação verdadeira devemos recorrer aos valores culturais dos “habitantes” do mundo esportivo, mudando seus conceitos e sua concepção quanto ao esporte e sua prática. Para René Maheu, citado por Tubino (1991, p. 75), *“o esporte realiza a mesma função da cultura, emprestando dignidade à liberdade, (...), introduzindo a espontaneidade”,* e *“que o esporte é cultura e tem função de cultura em seu conteúdo, mas não alcançou a expansão formal de cultura”* (p. 76).

Para que esse processo seja contínuo trazendo consigo as mudanças desejadas e assegurando o espaço profissional é imprescindível que ele se inicie nos centros de estudos e pesquisas do esporte, as faculdades de Educação Física.

PARTE II

DE ONDE VIEMOS E ONDE NOS ENCONTRAMOS: O CASO DA UNICAMP

Este capítulo se dispõe a descrever a trajetória das Faculdades de Educação Física no país desde a sua criação até os momentos atuais, através de seus objetivos e a preocupação em se adequar às necessidades apresentadas no campo de atuação. Para tanto fez-se uso de grades curriculares e documentos de algumas faculdades e instituições de Educação Física que foram marcantes para o processo de evolução na maneira de como pensar a atividade física e o desporto.

Segundo Baptista, Silva, Beltrão e Macário (2003) o percurso das faculdades de Educação Física inicia-se em 1922 quando cria-se o Centro Militar de Educação Física, tendo como um dos objetivos ministrar cursos preparatórios para a formação de instrutores de educação física. Este Centro iniciou suas funções em 1929, sendo esta turma considerada a primeira diplomada por curso oficial, integrada por oito oficiais instrutores, sessenta monitores, dois médicos e vinte professores civis.

A Educação Física, como na sua chegada ao Brasil, manteve-se com características militares, tanto que em 1930 o Ministério da Guerra promoveu uma reestruturação no Centro Militar de Educação Física, ligando-o, didática e diretamente, ao Estado-Maior do Exército, e administrativamente, ao próprio Ministério da Guerra. No ano seguinte este estabelecimento torna-se independente, embora ainda dentro do Exército. Dois anos depois o Centro Militar foi substituído pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), criada inicialmente para formar instrutores, monitores, mestre d'armas, monitores de esgrima e médicos especializados, podendo os civis tomar parte do curso. (PENNA MARINHO 1980).

Retomando Baptista, Silva, Beltrão e Macário (2003), baseados em Cantarino Filho (1982), as primeiras instituições de Educação Física que surgem no meio civil aparecem em 1939, são elas: Escola de Educação Física de São Paulo (EEFUSP) e Escola Nacional de Educação Física na Universidade do Brasil (ENEFD).

Nos objetivos da ENEFD encontramos funções com características muito amplas como, por exemplo, “formar profissionais para a área de Educação Física”. Não se vê especificação alguma sobre qual linha de pensamento, abordagem ou campo de atuação o profissional deve seguir.

Isso ocorreu por ser uma instituição pioneira e com poucos parâmetros anteriores, o que fez com que ela buscasse ser referência para as outras, como encontramos em seus objetivos: “realizar pesquisas que apontem os caminhos mais adequados para a educação física brasileira” e “difundir conhecimentos ligados a área”. O caráter de pioneirismo desta instituição na área de Educação Física se faz quando esta apresenta, em 1939, o primeiro currículo de ensino universitário para Educação Física reconhecido e tomado como padrão nacional. Estas diretrizes curriculares foram amplamente discutidas e comentadas por serem extremamente militarizadas, sendo quase uma continuação das escolas militares. (BAPTISTA; SILVA; BELTRÃO; MACÁRIO, 2003).

A Escola de Educação Física de São Paulo não teve princípio muito diferente, para isso a EEFUSP comissionou 15 professores para realizarem o Curso de Nível Superior ministrado pela EsEFEx, promovendo assim a substituição dos professores leigos, em geral estrangeiros, nas escolas de Educação Física no Brasil.

Período bastante importante para o crescimento das Faculdades de Educação Física foi o de Regime Militar, onde houve uma explosão dessas instituições, como já citado no capítulo anterior. Algumas instituições surgidas neste período foram bem estudadas por Tojal (1989) e utilizadas aqui como referência de estudo.

Em 21 de janeiro de 1950 surge a Escola Superior de Educação Física de São Carlos, o primeiro instituto de Ensino Superior de Educação Física no interior do Estado de São Paulo, criado pelo Decreto Presidencial número 27718 entrou em funcionamento em 7 de maio do mesmo ano. Com vestibular próprio, nela ingressavam 290 alunos anualmente, os quais tinham o objetivo de responder as exigências legais e atender à demanda do mercado, pela abertura de diversas escolas de primeiro e segundo graus da rede Estadual de ensino.

Sua grade curricular dividia-se em três anos da seguinte maneira:

Primeiro ano	
Anatomia	30 horas/aula
Desportos Aquáticos e Náuticos – Natação	60 horas/aula
Desportos Terrestres – Futebol	60 horas/aula
Andebol	60 horas/aula
Basquetebol	60 horas/aula
Voleibol	60 horas/aula
Desportos Terrestres individuais – Atletismo	60 horas/aula
Ginástica Geral	90 horas/aula
Estudos de Problemas Brasileiros	60 horas/aula
Rítmica	60 horas/aula
Pedagogia – Didática	60 horas/aula
Socorros de Urgência	30 horas/aula

Quadro I: Adaptado de Tojal (1989, p.31)

Segundo ano	
Estrutura e Funcionamento – Ensino de 1º e 2º Graus	60 horas/aula
Desportos Aquáticos e Náuticos – Natação	60 horas/aula
Psicologia	60 horas/aula
Desportos Terrestres Coletivos – Basquetebol	60 horas/aula
- Voleibol	60 horas/aula
Desportos Terrestres Individuais – Atletismo	60 horas/aula

Ginástica Geral	90 horas/aula
Fisiologia	60 horas/aula
Rítmica	60 horas/aula
Higiene	30 horas/aula
Organização	60 horas/aula
Pedagogia e Didática	60 horas/aula

Quadro II: Adaptado de Tojal (1989, p.31-32)

Terceiro ano	
Biometria	60 horas/aula
Desportos Aquáticos e Náuticos	60 horas/aula
Desportos Ataque e Defesa	30 horas/aula
Desportos Terrestres Individuais	30 horas/aula
- Ginástica Desportiva	30 horas/aula
- Técnica Desportiva	30 horas/aula
Ginástica Geral	90 horas/aula
Cinesiologia	60 horas/aula
Psicologia	60 horas/aula
Legislação	60 horas/aula
Recreação	60 horas/aula
Rítmica	60 horas/aula

Quadro III: Adaptado de Tojal (1989, p.32)

Fato importante a se ressaltar é que o professor só poderia continuar no exercício da profissão até os quarenta anos de idade, mostrando que a Escola priorizava o caráter prático das atividades.

Na tentativa da adequação profissional a Escola Superior de Educação Física de São Carlos passa por grande reformulação. A organização curricular que tinha integralização em três anos passou para oito semestres, gerando aumento na carga horária (de 2130 horas/aula para 2760 horas/aula), sendo as maiores mudanças na formação biológica e pedagógica.

Nota-se até aqui que em 1950 quando começa a funcionar a ESEFSC e mesmo depois das reformulações propostas em 1983 não é dada nenhuma importância à formação de gerenciadores e de administradores esportivos no currículo de Educação Física, limitando-se a disciplinas que contemplem a organização e a legislação nas escolas formais. As alterações que ocorreram acabaram por atribuir caráter biologizante à formação, já que as disciplinas do Departamento de Ciências Físicas e Biológicas totalizavam 27% das horas/aula do curso na íntegra. O Departamento de Ciências Humanas e Pedagógicas, o qual deveria contemplar a administração, era organizado de maneira a apenas cumprir as exigências legais do currículo mínimo para a formação do profissional.

De modo geral não se encontra em qualquer momento o incentivo à pesquisa, deixando a entender que se pretendia reproduzir o saber, ocasionando a formação de instrutores,

É forçado reconhecer-se: mesmo após a implantação do novo currículo, efetuada pela Escola Superior de Educação Física de São Carlos, com um aumento de carga horária próximo de 25% do existente, e algumas mudanças e acréscimos de disciplinas efetuadas no currículo (o que, a bem da verdade, em muito veio contribuir para a melhoria das condições do profissional da área de Educação Física com especialização em desportos, por adquirir alguns conhecimentos gerais complementares), ainda assim continua com os mesmos aspectos organizacionais e de desenvolvimento comuns a tantas outras Escolas de Educação Física encontradas no Estado de São Paulo. (TOJAL, 1989 p. 41).

E que a formação profissional da instituição visava exclusivamente o campo do saber referente ao desporto e à atuação no ensino formal.

Mais adiante, na mesma obra, o autor critica as instituições até ali analisadas (Escola Superior de Educação Física de São Carlos, o curso de Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e profissões da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba e a Escola Superior de Educação Física de Jundiaí), através de comparações mostrando que

é evidente que não apresentam qualquer direcionamento ou comprometimento com o desenvolvimento de pesquisas, o que

inicialmente leva-nos a concluir seja devido a situação de instituições de ensino isoladas, mais preocupadas em formar profissionais para atuarem no mercado já existente. (TOJAL, 1989 p. 58).

Baseando-se em Siqueira (2000), encontramos que, após sentir as mudanças mercadológicas e o despreparo dos egressos das Faculdades de Educação Física, o Conselho Federal de Educação (CFE) instituiu a resolução 03/87 (primeiro anexo), cuja principal determinação foi a criação de cursos de bacharelado com formação mais específica e voltada a pesquisa para atender as necessidades da sociedade. Este fato é bem narrado por Anderaós (1998):

Foi realizado na USP, em março de 1984, um encontro de diretores de escolas de Educação Física do Brasil de onde surgiu um anteprojeto que foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação. Depois em reunião dos diretores realizada em Brasília, foi organizado, discutido e com grandes modificações quer estruturais, quer conceituais, foi encaminhada ao conselheiro Mauro da Costa Rodrigues, uma nova proposta que transformou-se no parecer CFE 215/87 que, além das alterações de carga horária, tempo de duração do Curso e queda do currículo mínimo, possibilitava a criação do bacharelado em Educação Física, e foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 11/03/87, resultando da Resolução 03/87 (p. 79)

Dentre outras alterações da resolução, que podem ser encontradas em anexo, está o estabelecimento da carga horária de 2880 horas/aula e a determinação da duração mínima do curso em 4 anos e a máxima em 7 anos.

Apesar dessas determinações o CFE não apresentou um currículo mínimo, propôs apenas um rol de disciplinas como sugestão para cada Instituição de Ensino Superior (IES) elaborar com liberdade sua grade curricular caracterizando-as próximas aos seus interesses e necessidades.

Currículo sugerido pela resolução 03/87:

Biológicas Instrumentais

- Fundamentos biológicos (histologia, embriologia, biofísica, bioquímica, citologia, biologia, especialmente genética);

- Anatomia aplicada;
- Fisiologia (incluindo fisiologia do esforço);
- Fundamentos de fisioterapia;
- Higiene e socorros de urgência.

Técnicas Instrumentais

- Cineantropia (medidas de avaliação, incluindo crescimento e desenvolvimento);
- Biomecânica do exercício;
- Medidas de avaliação em educação física;

Filosóficas e Humanas

- Introdução à filosofia;
- Filosofia da educação e do desporto;
- Caracterização profissional;
- Ética profissional;
- Fundamentos da antropologia cultural;
- Educação, sociedade e cultura física;
- História da educação física;
- Sociologia (incluindo a sociologia do desporto e do lazer);
- Psicologia da Aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade;
- Psicologia desportiva.

Políticas Públicas

- Políticas desportivas do mundo contemporâneo;
- Direito Desportivo;
- Esportes Comunitários.

Organização e Planejamento

- Currículo em educação física;
- Organização e funcionamento da educação formal e não-formal;
- Organização e administração em educação física;
- tecnologia do material e instalações na educação física.

Retomando Tojal (1989) vemos que seguindo a mesma linha inovadora o então governador do Estado de São Paulo cria através do Decreto número 23.646/85 de 10 de julho 1985 a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas com habilitação em licenciatura e em bacharelado em Técnica Desportiva, sendo o primeiro curso de bacharelado implantado no país, ainda sem a existência de uma lei Federal que o autorizasse.

A FEF/Unicamp por estar alojada em um órgão estatal, que oferece condições favoráveis a pesquisa, por estar no interior de uma estrutura de pesquisa já montada, e por sua grade curricular ter sido construída baseando-se em experiências anteriores, sugere que seriam formados profissionais mais voltados para a área de pesquisas científicas, assegurando e delimitando o campo de atuação da Educação Física e do desporto.

Com o curso de bacharelado buscou capacitar o profissional de Educação Física para uma inserção diferenciada no campo de atuação, para que os profissionais não saiam a “caça” de qualquer emprego sem se preocupar com a qualidade profissional. Para isso e para a

abertura de novas áreas de atuação o curso oferecia disciplinas para pequenos grupos de interessados.

Uma dessas novas áreas de atuação que começou a ser inserida à Educação Física, tanto pela resolução 03/87 quanto pela Faculdade de Educação Física da Unicamp, foi a administração e o marketing esportivo que foram contemplados com duas disciplinas: Características Administrativas e Marketing em Educação Física com 45 horas/aula e Organização Desportiva com 45 horas/aula. Totalizando apenas 90 horas/aula dentro de um total de 2610 horas para o bacharelado e 2940 horas para a licenciatura.

Apesar de ser um número tanto absolutamente quanto relativamente reduzido foi a tentativa inicial, assumindo a percepção de que cabia também ao profissional de Educação Física o gerenciamento das atividades e dos ambientes que cingem os exercícios físicos.

Mesmo com as mudanças e inovações na grade curricular o objetivo de uma formação melhor e mais diversificada para gerar uma ampliação no campo de atuação profissional não foi alcançado na época por motivos pouco compreendidos e profundamente intrigantes.

Utilizando-se do Catálogo dos Cursos de Graduação de 2003 da Universidade Estadual de Campinas para trazer essa discussão para a atualidade e estreitando apenas para a área administrativa, vemos que pouco foi mudado até agora. Além da criação de mais um bacharelado, Recreação e Lazer, as mudanças de maior importância ocorridas foram as alterações das antigas disciplinas para: Marketing em Educação Física, Esportes e Lazer; Organização e Legislação em Esportes; e Processo de Planejamento na Recreação e Lazer I. Essas disciplinas são oferecidas em núcleo comum para o período diurno, sendo que a última não é oferecida para o noturno.

Aqui se faz necessário um aprofundamento maior das disciplinas que tratam do tema e das modalidades oferecida pela faculdade.

Quanto às modalidades:

<p>- Bacharel – Modalidade Treinamento em Esportes – poderá atuar como técnico em Esportes de modalidades cursadas ou como <u>Administrador em Esportes (grifos nosso)</u>, em Assessoria Técnica Esportiva; poderá ainda atuar na área de pesquisa científica ou em outras que envolva a Educação Física e Esportes.</p>
<p>- Modalidade Recreação e Lazer – poderá atuar na pesquisa científica, planejamento, administração e animação de projetos ligados ao fenômeno psicossocial Recreação e Lazer, tanto em instituições públicas como privadas.</p>
<p>- Licenciado – Poderá atuar no planejamento, execução e avaliação da disciplina Educação Física no ensino formal, nas escolas de ensino infantil, fundamental e médio. Deverá elaborar programas de disciplinas para todas as séries, níveis ou ciclos, dentro de uma perspectiva crítica, numa reflexão radical.</p>

Quadro IV: Retirado do Catalogo dos Cursos de Graduação 2003/Unicamp

Quanto às disciplinas oferecidas nas modalidades Licenciatura e Bacharelado em Treinamento em Esportes e em Recreação e Lazer (no período diurno), em núcleo comum:

<p>MH 606 – Organização e Legislação em esportes - ementa - Normas gerais de esportes e sua regulamentação. O sistema esportivo nacional. Origem do direito, seus ramos e conceitos, e sua relação com Educação Física e Esportes.</p>
<p>MH 604 – Marketing em Educação Física, Esportes e Lazer – ementa – análise do marketing atual e sua relação nas áreas de Educação Física. Dos esportes e do lazer. Conceituação e atualidade</p>

com a finalidade de contemplar o estudante com a visão atual do marketing, colocando-o a par de toda a evolução que constantemente ocorre no setor.

MH 703 – Processo de Planejamento na Recreação e Lazer – ementa – Análise das linhas da ação de órgãos públicos e privados, estabelecidos na área. Elaboração de políticas administrativas, desenvolvimento e implementação de programas recreativos e gerenciamento organizacional dos serviços de lazer, tanto no setor público, como no privado.

Quadro V: Retirado do Catálogo dos Cursos de Graduação 2003/Unicamp

De posse dessas informações é fácil concluir que é incoerente permitir que o bacharel em Treinamento em Esportes atue na área de gestão administrativa e não citar este campo de atuação para o licenciado, já que as disciplinas da área são as mesmas nos dois currículos. Outra disparidade que notamos é entre os períodos, já que o noturno possui currículo reduzido deixando de oferecer a disciplina MH 703, capacitando, portanto, esses profissionais de maneira inferior aos do outro período, na questão administrativa. Acompanhando o Catálogo dos Cursos de Graduação 2003 da Unicamp podemos também ver que o bacharel em Recreação e Lazer é o profissional mais preparado para a área, já que em sua formação existem além das disciplinas do núcleo comum outras que se encaixam nesse conteúdo, são exemplos MH 702 – O Processo de Liderança na Recreação e Lazer, MH 707 – Processo de planejamento na Recreação e Lazer II, MH 711 – Tópicos Especiais em Recreação e Lazer e MH 712 – Tópicos Especiais em Recreação e Lazer II. Entretanto na descrição da modalidade não existe nenhuma referência que este possa atuar como administrador esportivo.

Preocupando-se com as ementas das disciplinas que abordam a administração esportiva nota-se que o preparo dos profissionais de Educação Física é voltado singularmente para a legislação e organização de eventos esportivos, não atendendo as reais necessidades da

Educação Física. Este fato também é encontrado no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá por Sonoo e Krebs (1991) em estudo realizado com os docentes da instituição.

Em tal estudo nos deparamos também com os conhecimentos básicos necessários à formação do profissional da área de gerenciamento, encontrados através da opinião dos professores que já ministraram a disciplina Organização e Administração da Educação Física, para o administrador em Educação Física, estas foram: planejamento, organização, direção e controle, além de uma ênfase na atuação política desses profissionais.

PARTE III

BUSCA DE UM CAMINHO A PERCORRER

A busca da melhora na formação profissional em administração esportiva não surte efeito quando não se sabe qual caminho seguir. Esta formação pode tender para aspectos já ultrapassados, preparando o profissional para um mercado irreal deixando-o sempre para trás da concorrência, porque os conteúdos ministrados não condizem com a real necessidade imposta pela sociedade.

A harmonia entre professores, conteúdo programático e interesse dos alunos muitas vezes não acontecem destoando e desestimulando a procura por objetivos dignos de nível acadêmico por parte de todos. Em muitas oportunidades não se encontra consenso nos principais tópicos das disciplinas, criando conflitos até mesmo no significado de palavras de uso rotineiro.

É por esses e outros fatos que este capítulo vem tentar construir um perfil do profissional administrador esportivo e descrever as características necessárias para quem pretende adentrar essa área e a medida do possível trazer alguns conceitos que facilitem as discussões. Infelizmente esta é uma tarefa complicada, já que estes dados estão sob a influência de vários fatores mutáveis nas diferentes situações culturais, e as pesquisas e estudos são pouco publicados ou mesmo divulgados.

A prática da administração faz-se presente a todo o momento em nossa vida, pois por mais que se negue o controle de nossa vida, excluindo exceções, é feito por nós. Talvez essa seja a maneira que mais ensina o ato de administrar, no entanto, a experiência e a habilidade adquiridas empiricamente não são capazes de formar um profissional competente, uma vez que a qualidade está ligada a formação deste.

A graduação de Educação Física pouco discute a importância e a necessidade da administração em seus conteúdos, existem poucos estudos nesse sentido, estando o profissional, na maioria das vezes, atuando por ensaio e erro. (SONOO; KREBS, 1991).

Nesse campo de atuação a Educação Física apresenta sérios problemas gerados em virtude da pouca demanda de profissionais habilitados e preparados para atuarem na administração esportiva, por conseqüência do número reduzido de cursos de capacitação e aperfeiçoamento na área, e do enaltecimento do ídolo esportivo, considerando este pelo bom desempenho prático apto a desenvolver trabalhos administrativos.

Tanto para Pimenta e Zoudain quanto para Sonoo e Krebs (1991) é evidente a necessidade de criar-se novos parâmetros curriculares (proposto pelo primeiro) ou reformular-se as disciplinas existentes que contemplem esse tema (proposto pela segundo) para que se atenda as necessidades específicas desse mercado, em especial o brasileiro.

A proposta de Sonoo e Krebs (1991, p.20-21) segue os subsídios apresentados abaixo:

Administração na Educação Física e nos esportes: busca a importância e a compreensão da administração como ponto fundamental na aplicação em Educação Física e esportes.

- *Introdução à administração e administração de Educação Física e dos esportes;*
- *o papel da administração e do administrador na Educação Física e nos esportes;*
- *aspectos pedagógicos, políticos e sociais da administração da Educação Física e dos esportes; e*
- *legislação da Educação Física e esportes.*

Contribuição da ciência da administração na Educação Física: analisar a evolução histórica juntamente com a da Educação Física relacionando-as em seguida.

- *evolução histórica da administração da Educação Física;*
- *funções administrativas: planejamento, organização, direção e controle, e a sua aplicação na Educação Física.*

Administração aplicada à Educação Física e esportes: relaciona a administração à prática através das atividades de Educação Física.

- *administração de atividades de Educação Física – competições esportivas, acadêmicas, ensaio de Educação Física;*

- estrutura e funcionamento de órgãos pertinentes à Educação Física;
- dirigentes esportivos; e
- marketing esportivo.

Para que se encontre o melhor caminho a percorrer é necessário que todos se entendam, discurssem se apoiando nos mesmos conceitos, em discussões, por isso uma conceituação de alguns termos é imprescindível neste momento.

A principal incógnita que se encontra está na utilização dos termos *gestão esportiva* e *administração esportiva*. Na maioria das oportunidades, inclusive nesta obra, eles são usados de maneira intercambiável, mesmo porque a descrição trazida pelo Dicionário Globo (1991) indica como sinônimo de *Gerir*, administrar; e de *administração*, gerência de negócios. Todavia segue abaixo algumas demonstrações feitas por outros autores.

Para Parkhouse (1996 *apud* Pimenta e Zoudain, p. 42)

a gestão engloba todas as áreas relativas ao esporte tais como: turismo, hotéis, equipamentos, instalações, investimentos públicos e privados no setor de fitness, merchandizing, esportes escolares e profissionais. Enquanto a administração esportiva seria mais limitada e sugere um foco nas relações esportivas escolares.

Somando-se a isso os autores DeSensi, Kelley e Beitel (1990 *apud* Pimenta e Zoudain, p. 44) gestão esportiva é

qualquer combinação de habilidades relacionadas ao planejamento, organização, direção, controle, orçamento, supervisão e avaliação no contexto de uma organização esportiva ou departamento cujo produto ou serviço seja relacionado ao esporte ou a atividade física.

Estes aqui não definem a administração, feito que muitas escolas de negócios, principalmente norte americanas, tomam o cuidado de fazer, já que tecnicamente o termo gestão esportiva está focado no diz respeito às funções de planejamento, organização, direção e controle ,o que constitui apenas uma parte dos conhecimentos entendidos como necessários na administração. (PIMENTA; ZOUDAIN)

Muito se atribui ao profissional que pretende atuar nessa área, diversas características que são pouco definidas e usadas também de maneira intercambiáveis, por isso não resolveria conceituar os termos habilidade, competência, responsabilidade, conhecimento e expectativa, já que há uma grande confusão entre os autores e estudiosos desse tema que os distribuem de maneira indistinta.

A distribuição de características aos profissionais é feita a seguir, respeitando a denominação feita por cada autor:

Pimenta e Zoudain mostram que o referencial teórico indica para um profissional com “habilidades” com enfoque nas áreas de administração (técnicas gerenciais, conhecimento fiscal, programação de eventos), comunicação e relacionamento humano (gestão de pessoas, marketing, habilidades de comunicação). Eles ainda indicam como “competências” conhecimento de esportes, tomada de decisão, supervisão de recursos humanos, comunicação com o cliente, habilidades em negociação e conhecimento geral; e como “expectativas” conhecimento em esportes, tomada de decisão (processo decisório), supervisão de recursos humanos, comunicação com o cliente, habilidades em negociação e conhecimento geral.

De sua obra retiramos a caracterização feita por outros autores, como no caso de:

- Parks (1998) que divide as “responsabilidades” em quatro clusters: atividade de gerencia geral, gerencia organizacional, gestão de informações e ciência do esporte e exercício. Estes clusters são interligados e praticamente interdependentes.

- Parkhouse (1990 *apud* PIMENTA; ZOUDAIN p. 54-55) detalha algumas “competências”:

“Habilidades” básicas: são necessárias a todos gestores esportivos e incluem oratória, redação, ciência da computação, conhecimento organizacional e matemático. Liderança e capacidade de negociação também são habilidades que não podem deixar de ser consideradas.

Comunicação: é a habilidade para interagir a redação e o discurso de formas claras, concisas e de maneira a se alcançar um objetivo. A promoção de eventos esportivos é uma função que exige alto nível de comunicação.

Marketing e vendas: inclui a habilidade de promover idéias, advertir para o conceito de marketing e apresentar o consumidor adequado para alcançar os objetivos específicos.

Programação de eventos: requer habilidades para coordenar o uso do tempo, idéias e funções para apresentar o evento.

Supervisão e gestão de recursos humanos: é o fortalecimento do trabalho em grupo ou individual para melhor interação, otimização do trabalho e alcance dos objetivos.

Gestão de instalações: neste caso o importante é que se tenha uma visão global da organização, ou seja, como um todo, para facilitar os objetivos do negocio esportivo e/ou lucro.

Gerencia fiscal: habilidade para planejar, prever e controlar todos os aspectos financeiros da organização.

No trabalho de Sonoo e Krebs (1991) encontramos elementos sugeridos por Caram (1984): *“domínio do conteúdo e das técnicas da Educação Física e desportos, o domínio da ciência do comportamento e os conhecimentos administrativos”* (p. 18).

A busca teórica por essas características nos oferece um leque bastante grande por isso é importante recorrer-se aos estudos de campo que também nos dá elevado número de informações, porém estas são mais específicas.

O último trabalho citado buscou junto, aos docentes do Departamento de Educação Física da Universidade de Maringá elementos capazes de fornecer dados que configurassem o

“conhecimento” necessário ao profissional que atuará como administrador na área, encontrando o seguinte:

- **Planejamento:** o estabelecimento adequado dos objetivos da Educação Física foi considerado pelos professores como a melhor maneira de planejar a Educação Física.

- **Organização:** tudo o que se refere à estrutura organizacional de órgãos pertinentes à Educação Física e a organização de Educação Física.

- **Direção:** como ponto principal encontrou-se a liderança e as relações humanas.

- **Controle:** os professores não comentaram sobre essa função.

Referindo-se a pesquisa de campo Pimenta e Zoudain fizeram uma ótima coletânea de trabalhos podendo ser retirado de suas obras vários estudos, de:

➤ Jamieson (1987) - que desenvolveu um estudo investigando as competências com gestores esportivos, utilizando como instrumento o RSCA (Recreational Sports Competency Analysis), que incluiu cento e doze “competências” representando doze áreas curriculares (procedimentos de negócios, comunicação, manutenção e instalações, direção, legalidade, técnicas de gerência, execução, filosofia, técnicas de programação, pesquisa, segurança e prevenção de acidentes, ciência) – podemos retirar cinco “competências” indicadas em três níveis de gerência, que relacionam-se com as “habilidades” propostas por Katz (1974):

Habilidades técnicas – Incluem conhecimento especializado, ferramentas, técnicas e recursos utilizados no alcance das metas e objetivos da organização. É importante que os gestores estejam aptos a transmitir aos seus subordinados condições de aplicar estas habilidades que envolvem a compreensão e conhecimento de uma atividade específica;

Habilidades conceituais – são requeridas para os gestores que desejam enxergar a organização de forma global bem como as relações entre as partes que compõe a organização;

Habilidades humanas – os gestores utilizam estas habilidades para interagir com os outros e coordenar indivíduos e os esforços coletivos no alcance das metas. Especificamente, isto implica que o gestor precisa estar apto a trabalhar com ambos os grupos de constituintes, internos e externos.

O nível I, de gerência baixa (básica), reflete as habilidades técnicas; o nível II, gerência média, representa as habilidades humanas; e o nível III, alta gerência, as habilidades conceituais.

NÍVEL I (BAIXO)	
CINCO PRINCIPAIS CLASSIFICAÇÕES DE COMPETÊNCIAS	
COMPETÊNCIA	CLASSIFICAÇÃO
Reconhece riscos de segurança que causam ferimentos	01
Conhece a terminologia básica de esporte e recreação	02
Identifica e encoraja participantes para os programas	03
Reconhece vários fatos que levam a acidentes	04
Compreende os riscos específicos de atividades esportivas	05

Quadro VI: Classificação das Competências – Gerência: Nível Baixo Fonte: Parkhouse, *The Management of Sport*, Mosby, 1996.

NÍVEL II (MÉDIO)	
CINCO PRINCIPAIS CLASSIFICAÇÕES DE COMPETÊNCIAS	
COMPETÊNCIA	CLASSIFICAÇÃO
Reconhece riscos de Segurança que causam ferimentos	01
Uso efetivo de habilidades decisórias	02
Demonstra habilidades em programar torneios	03
Mantém efetiva comunicação com o público	04
Identifica e encoraja participantes para os programas	05

Quadro VII: Classificação das Competências – Gerência Nível Médio Fonte: Parkhouse, *The Management of Sport: Its Foundation and Application*, 1996

NÍVEL III (ALTO)	
CINCO PRINCIPAIS CLASSIFICAÇÕES DE COMPETÊNCIAS	
COMPETÊNCIAS	CLASSIFICAÇÃO
Usa efetivamente habilidades decisórias	01
Prepara e defende uma proposta orçamentária	02
Examina e analisa um orçamento	03
Mantém efetiva comunicação com o público	04
Mantém efetiva comunicação com a equipe.	05

Quadro VIII: Classificação das Competências – Gerência Nível Alto
Fonte: Parkhouse, *The Management of Sport: Its Foundation and Application*, 1996.

➤ Farmer (op. cit. in Parkhouse, B. 1996) usou o ASSA (Australian Society of Sport Administrators) como objeto de estudo encontrando dez “competências” listadas em ordem crescente de importância: Comunicação com o cliente, processo decisório (capacidade de decisão), preparo de orçamento, redação, preparo de programas e desenvolvimento, planejamento estratégico, gerenciamento do tempo, formulação de metas e objetivos, marketing e responsabilidades legais.

➤ Lambrecht (1987) realizou estudo identificando diversas “competências” em organizações com tamanhos diferentes, utilizando como população clubes do IRSA (International Racket Sports Association), Associação Internacional de Esportes de Raquete.

Distribuição:

Grupo I – 500 a 999 membros

Grupo II – 1000 a 2000 membros

Grupo III – mais de 2000 membros

ORDEM DE CLASSIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS : AMOSTRA TOTAL E OS GRUPOS DE CLUBES				
COMPETÊNCIA	AMOSTRA TOTAL	CLASSIF.ESPECÍFICA		
		I	II	III
Comunicação com o cliente	1	1	1	1
Motivação dos funcionários	2	3,5	3	2
Lidando com as reclamações	3	3,5	2	4
Comunicações com a equipe	4	2	4	3
Processo decisório	5	5	5	5
Supervisão da equipe	6,5	7,5	7	6
Avaliação do clube como um negócio	6,5	7,5	6	7
Gerenciamento do tempo	8	6	8	9
Planejamento estratégico	9	10	9	10
Planejamento orçamentário	10	11	11	8

Quadro IX: Ordem de Classificação de competências da IRSA

Fonte : Parkhouse, *The sport management: its foundation and application*, 1996.

➤ Parks e Quain (1986) entrevistaram profissionais de seis carreiras diferentes (*fitness*, promoção de eventos, marketing esportivo, gerência e administração esportiva, direção de clubes esportivos e gerência de atividades aquáticas), pedindo para estes assinalarem entre oito “competências” as que lhes eram mais exigidas em suas áreas. As carreiras pesquisadas foram representadas pelas seguintes legendas: IPF – indústria de

produtos de fitness, PE – promoção de eventos esportivos, MKT – marketing esportivo, GAE – gerência e administração esportiva, DE – direção esportiva, GAQ – gerência de atividades aquáticas.

COMPETÊNCIAS E RANKING POR CATEGORIA							
N	55	49	39	82	81	59	365
COMPETÊNCIA	IPF	PE	MKT	GAE	DE	GAQ	TOTAL
Redação	5	1	1	4	6	7	4
Gerência de Pessoal	3	6	2,5	2	3	1,7	2
Oratória	6	2	2	6	7	6	5
Gerenciamento de Tempo	4	4	3,5	5	5	3	3
Gerenciamento Financeiro	7	2	6	3	4	4	6
Relações Humanas	2	3	5	1	1	1,5	1
Fitness Pessoal	1	8	8	8	8	5	8
Conhecimento de Esportes	8	5	7	7	2	8	7

Quadro X: Competências e Ranking por categoria

Fonte: Parkhouse, *The Management of Sport: Its Foundation and Application*, 1996.

Nota-se que na maioria das pesquisas (Parks; Quain, (1986) Lambrecht (1987) e Farmer) a característica mais apresentada foi o relacionamento com o cliente, ou relações humanas, mostrando que o foco está mudando dos modelos preventivos (os quais se preocupavam em planejar e prever situações), para modelos que atendam as expectativas e necessidades do público a ser atendido. Os outros trabalhos também nos trouxeram essas características, mas colocadas sem muito destaque.

Pimenta e Zoudain montaram um quadro onde comparam as “competências” e “expectativas” do profissional de gestão esportiva brasileiro (citadas acima) com um perfil genérico. Este quadro foi adaptado e pode ser visto abaixo:

Quadro Comparativo entre os perfis dos gestores esportivos		
Perfil profissional genérico (Mundial)	Perfil do profissional em atividade (Brasil)	Perfil profissional esperado
Marketing e vendas	Conhecimento de esportes	Conhecimento de esportes
Planejamento estratégico	Habilidade em negociação	Planejamento estratégico
Programação de eventos	Processo decisório	Processo decisório
Comunicação	Lidar com reclamações	Lidar com reclamações
Conhecimento fiscal e legal	Conhecimento legal	Captação de recursos
Gestão pessoal	Supervisão de recursos humanos	Motivação dos funcionários

Quadro XI: Adaptado de Pimenta & Zoudain

Esta tabela nos permite observar as correlações existentes entre os perfis mencionados anteriormente, podendo concluir que:

- Entre o perfil profissional genérico e o atuante no mercado brasileiro existem duas: gestão de pessoas e conhecimento legal;
- Entre o perfil do profissional brasileiro e o perfil esperado encontram-se três: processo decisório, lidar com reclamações e conhecimento de esportes;
- E entre os perfis genérico e brasileiro encontra-se apenas uma: planejamento estratégico.

Por fim conseguimos enxergar que o perfil do profissional está em constante mudança e que a sua formação deve ser multifacetada na busca de oferecer sempre pessoas capacitadas a gerir as instituições brasileiras com competência caminhando sempre no sentido dos objetivos e metas propostos. E que as faculdades, em especial as de Educação Física, devem estar sempre se atualizando não se esquecendo que o mercado está constantemente a procura de um profissional que ofereça algum diferencial dos atuais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo situou-se em uma área bastante ampla e pouco estudada, deixando de fora de sua estrutura por diversos fatores, aspectos de extrema importância e minimamente explorados, que, talvez, acabem por fazer a diferença entre um ambiente próspero e um decadente. Trata-se aqui das intervenções práticas, cenário das diferenças, e até dissonâncias, entre fundamentação teórica e especificidade prática.

A partir do levantamento teórico realizado esta obra buscou, a partir de uma breve retomada histórica, entender a relação das atividades físicas, do Homem e de sua interação com o meio no decorrer dos tempos. Chegando ao início das faculdades de Educação Física, de onde acompanhou suas transformações até os dias atuais, mostrando, através de grades curriculares, o seu caráter essencialmente prático inicial e a atual busca por melhores estudos na área administrativa em especial. Em uma segunda parte procurou-se demonstrar o perfil que se encontra e se procura no campo de atuação, apoiando-se em trabalhos realizados por outros autores tanto em ambientes acadêmicos quanto em práticos.

Atualmente o esporte brasileiro tenta melhorar seu prestígio junto a investidores internos e externos através de medidas que demonstrem organização em seus eventos, isto é mais nítido no futebol que em poucos anos colocou em vigor a lei do passe, os clubes empresas e o estatuto do torcedor na tentativa de melhorar sua confiabilidade. Entretanto o esporte encontra-se ainda em um estágio bastante rudimentar, exibindo fatos semanais, senão diários, que servem de subsídios para as ferrenhas críticas do jornalismo esportivo, que com razão, tiram a credibilidade de muitos clubes, federações e tribunais desportivos.

Exemplos para os casos colocados no parágrafo anterior não faltam, deixando de lado o futebol nacional que sempre é criticado pela mídia em geral, podemos ver estas manifestações em todos os esportes e em todos os âmbitos: campeonatos estaduais que

mudam a data da final cinco dias antes do acontecimento; competições nacionais contendo acidentes fatais; especialmente nas ligas universitárias, que deveriam ser as mais bem organizadas por causa da presença constante de profissionais de Educação Física, são exemplos de incompetência e despreparo dos organizadores.

Por fim, conseguimos notar que as faculdades de Educação Física, que foram aqui estudadas, desenvolveram-se bastante a respeito da administração esportiva, área que vem ganhando importâncias no ambiente esportivo e nos currículos de Educação Física como pode ser notado no Guia do Estudante (2004) e na Proposta Alternativa ao Parecer nº 0138 CNE/CES (constantes em anexo) e outras publicações que vêem o esporte em sua atual estrutura. Porém as faculdades não conseguiram acompanhar o ritmo das inquietações mercadológicas, estando, atualmente, defasada.

Neste momento se faz necessário uma explicação sobre a importância do mercado sobre a formação do profissional: Por estarmos inseridos em uma sociedade capitalista os indicadores mercadológicos (taxas de juros, redução de impostos, taxa cambial, e mesmo proximidade de grandes eventos esportivos) são os principais fatores limitantes à instituição, mas não devem ser os principais parâmetros a serem seguidos. Pelo contrário, uma das principais diferenças entre o administrador comum e o administrador esportivo está em confrontar os paradigmas impostos pelas atividades do mercado econômico de posse de artifícios diferenciados impróprios desse ambiente. Assim usaria de seus diferenciais (principalmente da inteligência interpessoal e conhecimento do ambiente esportivo) para enfrentar situações criadas junto a investidores externos ou internos (os próprios pais), quase sempre ligadas à cultura do resultado final, que prega a vitória a qualquer custo. O esporte não pode ser simplesmente tratado como um produto ou serviço e encaixado no mercado financeiro, o esporte possui características próprias que se não forem respeitadas provavelmente não se encontrará a prosperidade do negócio ou instituição.

No caso da Unicamp, por exemplo, os currículos são cumpridos de forma diferente a suas ementas e são defasados nos diferentes períodos, como alertado em capítulo anterior, por este fato ser de grande relevância merecendo mais atenção não será tratado aqui. Entendemos que a carga horária destinada às disciplinas que contemplam a administração já é suficiente estando apenas, como citado acima, divergindo das atuais problemáticas impostas pela sociedade, justificando a segunda parte da obra.

Para que haja uma concordância entre teoria e prática é necessário que se realize mais pesquisas e estudos de campo para que ocorra um consenso global sobre o que é adequado à formação dos profissionais de Educação Física que atuarão com a gestão esportiva nos atuais ambientes esportivos, promovendo a troca dos antigos ídolos esportivos e pessoas em geral despreparadas por um novo profissional competente, elevando assim o esporte nacional a um patamar mais alto que o atual.

O incentivo por mais pesquisas deve buscar, em especial, respostas para fenômenos que ocorrem na prática e que comumente contraria as teorias da administração, para que não se encontre terminologias como “ele tem jeito pra coisa” ou “isso é dom divino” para pessoas bem sucedidas que não possuíam qualquer preparo para gerir um negócio.

São os desvios existentes entre teoria e prática que torna necessária a vinda das discussões sobre a administração esportiva na formação do profissional de Educação Física para o ambiente universitário ocasionando maiores inquietações que por ventura venham a se tornar novos temas de outros trabalhos, enriquecendo esta nova área e facilitando novas pesquisas por outras pessoas dispostas a unir os conhecimentos teóricos práticos ao campo de atuação do profissional de Educação Física.

3. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANDERÁOS, M. Estudo das propostas de formação profissional desenvolvidas pela Faculdade de Educação Física de Santo André. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BAPTISTA, M. I.; SILVA, E. B.; BELTRÃO, F.B.; MACÁRIO, N. M. Influência da Escola de Educação Física do Exército na origem do currículo da educação física no Brasil. Revista Digital, 2003. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2003.

CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil a história que não se conta. Campinas: Papirus Editora, 1994.

COSTA, V. L. M. A formação universitária do profissional de Educação Física. In: PASSOS, S. C. E. (org) Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: SEED/MEC, 1988.

DELGADO, M. A. Ocupação do mercado de trabalho em Educação Física na cidade de Campinas, devido a formação profissional. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 1999.

FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, F. M. Dicionário brasileiro Globo. 22ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1991.

FREITAS, H. G. A estrutura da administração esportiva: reflexões sobre o marketing e sua relação no ambiente dos esportes. Dissertação (monografia), Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARINHO, I. P. História geral da educação física. 2ª ed. São Paulo, Brasil Editora, 1980.

OLIVEIRA, V. M. O que é Educação Física? São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PIMENTA, R. C.; ZOUDAIN, D. M. Perfil do gestor das organizações esportivas brasileiras. Disponível em <<http://www.sportcongress.org/Ponencias/>>. Acessado em 20 de setembro de 2003.

PRONI, M. W. Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 1998.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1988.

SALGADO FILHO, L. N. Concepção de administração no discurso dos professores de Educação Física. Dissertação (mestrado), Universidade Gama Filho, 1996.

SIQUEIRA, S. A. Subsídios teóricos para compreender a formação do profissional de Educação Física no campo do gerenciamento. Dissertação (monografia), Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SOARES, C. L. Educação Física raízes européias e Brasil. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

SONOO, C. N.; KREBS, R. J. Administração da Educação Física: a busca do referencial teórico: Revista da Educação Física/UEM, Maringá, n. (2), p. 16-23, 1991.

TOJAL, J. B. O objeto de estudo da educação física. Revista da Faculdade de Educação Física de Santo André. Corpoconsciência, 1997.

_____. Currículo de graduação em Educação Física: A busca de um modelo. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

TUBINO, M. J. G. Esporte e cultura física. São Paulo: IBRASA, 1991.

UNICAMP – Catálogo de Graduação de 2003. Universidade Estadual de Campinas. Pró-reitoria de graduação, 2003

4. ANEXOS

RESOLUÇÃO Nº 3 DE JUNHO DE 1987

Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (bacharelado e/ou licenciatura plena).

O Presidente do Conselho Federal de Educação, no uso de suas atribuições legais e com base no que dispõe o artigo 26 da lei 5.540/68, tendo em vista o parecer 215/87, homologado pelo Sr. Ministro da Educação, em 10/06/1987,

RESOLVE:

Art. 1º A formação dos profissionais de Educação Física será feita em curso de graduação que conferirá o título de Bacharel e/ou Licenciado em Educação Física.

Art. 2º Os currículos - plenos dos cursos de graduação - em Educação Física são elaborados pelas instituições de ensino; superior, objetivando:

- a) possibilitar a aquisição integrada de conhecimentos e técnicas que permitam uma atuação nos campos- da Educação Escolar (pré-escolar, 1º, 2º, e 3º graus) e Não—Escolar (academias, clubes, centros comunitários, condomínios etc);
- b) desenvolver atitudes éticas, reflexivas, críticas, inovadoras e democráticas;
- c) prover o aprofundamento das áreas de conhecimento, de interesse e de aptidão do aluno, estimulando-o ao aperfeiçoamento contínuo;
- d) propiciar a auto—realização do estudante, como pessoa e como profissional; Art. 3º Os currículos - plenos para os cursos de graduação em Educação Física terão duas partes:
 - a) Formação Geral - (humanística e técnica);

b) Aprofundamento de Conhecimentos.

§ 1º Na Formação Geral serão consideradas as seguintes áreas do conhecimento:

a) De cunho humanístico:

CONHECIMENTO FILOSÓFICO

- Compreendido como conhecimento filosófico o resultado da reflexão sobre a realidade, seja no nível da práxis, a própria existência cotidiana do profissional de Educação Física, relacionada com eventos históricos, sociais, políticos, econômicos; seja no nível da teoria, apresentação rigorosa através das ciências dessa mesma práxis. O conhecimento filosófico deve consistir na articulação da práxis pedagógica com as teorias sobre o homem, a sociedade e a técnica.

CONHECIMENTO DO SER HUMANO

- Entendido como o conjunto de conhecimentos sobre o ser humano, durante todo seu ciclo vital, no que concerne aos seus aspectos biológicos e psicológicos, bem como sua interação com o meio ambiente, face a presença ou ausência das atividades de Educação Física.

CONHECIMENTO DA SOCIEDADE

- Entendido como a compreensão da natureza social das instituições, sistemas e processos, com vistas a uma efetiva contribuição da Educação Física para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, considerando-se especificamente a realidade brasileira.

b) De cunho técnico (que deverá ser desenvolvido de forma articulada com os conhecimentos das áreas de cunho humanístico acima referidas):

CONHECIMENTO TÉCNICO

- entendido como o conjunto de conhecimentos e competências para planejar, executar, orientar e avaliar atividades da Educação Física, nos campos da Educação Escolar e Não-Escolar, contribuindo para a geração e a transformação do próprio conhecimento técnico.

§ 2º Cada Instituição de Ensino Superior (IES), partindo dessas quatro áreas, elaborará o elenco de disciplinas da parte de Formação Geral do currículo pleno, considerando as peculiaridades de cada região e os perfis profissionais desejados (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena).

§ 3º A parte do currículo pleno denominada Aprofundamento de Conhecimentos deverá atender aos interesses dos alunos, criticar e projetar o mercado de trabalho considerando as peculiaridades de cada região e os perfis profissionais desejados. Será composta por disciplinas selecionadas pelas IES e desenvolvidas de forma teórico-prática, permitindo a vivência de experiências no campo real de trabalho.

§ 4º As IES deverão estabelecer os marcos conceituais fundamentais dos perfis profissionais desejados, elaborar as ementas, fixar a carga horária para cada disciplina, e sua respectiva denominação, bem como enriquecer o currículo pleno, contemplando as peculiaridades regionais.

Art. 4º O curso de graduação em Educação Física terá a duração mínima de 4 anos (ou 8 semestres letivos) e máxima de 7 anos (ou 14 semestres letivos), compreendendo uma carga horária mínima de 2.880 horas/aula.

§ 1º Desse total de 2.880 horas/aula, pelo menos 80% (oitenta por cento) serão destinadas à Formação Geral e um mínimo de 20% (vinte por cento) para Aprofundamento de Conhecimentos.

§ 2º Desses 80% das horas destinadas à formação geral, 60% deverão ser dedicados às disciplinas vinculadas à Conhecimento Técnico.

§ 3º No mínimo de 2.880 horas/aula previstas, estão incluídas as destinadas ao Estágio Supervisionado e excluídas as correspondentes às disciplinas que são ou venha a ser obrigatórias, por força de legislação específica (ex. EPB).

Art. 5º O Estágio Curricular, com a duração mínima de um semestre letivo, será obrigatório tanto nas Licenciaturas como nos Bacharelados, devendo, para estes, ser complementado com a apresentação de uma monografia (Trabalho de Conclusão).

Art. 6º A adaptação do currículo baixado pela Resolução 69/69 ao currículo ora aprovado far-se-á por via regimental, segundo os recursos e interesses de cada instituição, dentro do prazo máximo de 2 anos, a partir da data da publicação desta Resolução.

Parágrafo único. As adaptações regimentais das Instituições de ensino superior, que mantêm cursos de Educação Física, serão apreciadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

Art. 7º Os graduados em Educação Física (bacharéis e/ou licenciados), através de cursos específicos realizados a nível de especialização, poderão habilitar-se à titulação de Técnico Desportivo.

Art. 8º A Presente Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogada a Resolução 69, de 06/11/69, deste Conselho, e demais disposições em contrário.

Fernando Affonso Gay da Fonseca

(Of. Nº 395/87)

A sugestão de disciplinas dada pela Resolução no. 03/87, ficou definida desta forma:

Formação geral:

Aspectos Humanísticos:

Conhecimento filosófico;

Conhecimento do ser humano;

Conhecimento da sociedade;

Aspecto Técnico:

Conhecimento Técnico.

Disciplinas sugeridas para composição da grade curricular dos cursos de Educação Física.

Transcrição do anexo 1 da Resolução 03/87.

Conhecimento Filosófico:

Introdução à Filosofia

Filosofia da Educação e do Desporto;

Caracterização Profissional;

Ética Profissional;

Dentre outras.

Conhecimento do ser humano:

Fundamentos Biológicos (histologia, embriologia, biofísica, bioquímica, citologia, biologia, especialmente genética);

Anatomia Aplicada;

Fisiologia (incluindo fisiologia do esforço)

Aprendizagem Motora (incluindo psicomotricidade);

Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade;

Psicologia Desportiva;

Cineantropia (Medidas de avaliação, incluindo crescimento e desenvolvimento);

Biomecânica do exercício;

Fundamentos de fisioterapia;

Dentre outras.

Conhecimento da Sociedade:

Fundamentos da Antropologia Cultural;

Educação, Sociedade e Cultura Física;

História da Educação Física;

Sociologia (incluindo a Sociologia do Desporto e do lazer);

Organização e administração da Educação Física;

Folclore;

Higiene e Socorros de Urgência;

Educação Física e Esporte Especial (atividades físicas voltadas para pessoas portadoras de deficiências: física, mental, auditiva, visual ou múltipla);

Treinamento desportivo;

Direito Desportivo;

Comunicação em Educação Física;

Seminário em Educação Física;

Técnica de Elaboração de Projetos em Educação Física;

Tecnologia do Material e Instalações na Educação Física;

O profissional de Educação Física como agente de Saúde;

Rítmica;

Esportes Comunitários;

Dentre outras". (Anderáos,1998)

PROPOSTA ALTERNATIVA AO PARECER Nº 0138 CNE/CES
Comissão de Especialistas de Educação Física da
Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação

**Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de
Bacharéis em Educação Física
e orientações específicas para a Formação de
Professores da Educação Básica, Licenciatura Plena em Educação Física**

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º, do § 2º, alínea "C", da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento no Parecer CNE/CES ____/____, de __ de abril de 2003, peça indispensável do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Senhor Ministro da Educação em __ de _____ de 2003.

RESOLVE:

Art. 1º – A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Bacharelado em Educação Física, assim como estabelece orientações específicas para a Licenciatura Plena em Educação Física, nos termos definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.

Art. 2º – As Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Bacharéis em Educação Física definem os princípios, as condições e os procedimentos para a formação dos profissionais de Educação Física, estabelecidos pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, no desenvolvimento e na avaliação do projeto pedagógico dos Cursos de Bacharelado em Educação Física das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

Art. 3º – A Educação Física é um campo acadêmico-profissional que se fundamenta em conhecimentos das ciências da saúde, humanas, sociais, exatas e da terra, bem como em conhecimentos da arte e da filosofia.

Art. 4º – O Curso de Bacharelado em Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na ética.

Parágrafo 1º – O Bacharel em Educação Física deverá estar qualificado para pesquisar, conhecer, compreender e analisar criticamente a realidade social para nela intervir acadêmica e profissionalmente, por meio das diferentes manifestações e expressões da Educação Física, nas perspectivas da saúde, do lazer, da educação, da reeducação, do rendimento, da promoção e da gestão de programas, além de outros campos temáticos emergentes.

Parágrafo 2º – O Professor da Educação Básica, Licenciatura Plena em Educação Física, deverá estar qualificado para a docência deste componente curricular na educação básica, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação, bem como as orientações específicas para esta formação tratadas nesta Resolução.

Art. 5º – A Instituição de Ensino Superior deverá pautar seu projeto pedagógico nos seguintes princípios:

- a) autonomia institucional;
- b) articulação entre ensino, pesquisa e extensão;
- c) graduação como formação inicial;
- d) formação continuada;
- e) ética pessoal e profissional;
- f) ação crítica, investigativa e reconstrutiva do conhecimento;
- g) construção e gestão coletiva do projeto pedagógico;
- h) tratamento interdisciplinar do conhecimento;
- i) indissociabilidade teoria-prática;
- j) articulação entre conhecimentos de formação ampliada e específica.

Art. 6º – As competências de natureza político-social, ético-moral e técnico-profissional deverão constituir a concepção nuclear do projeto pedagógico de formação superior em Educação Física.

Parágrafo 1º – Caberá à Instituição de Ensino Superior definir e explicitar as competências gerais e específicas que caracterizarão o perfil acadêmico-profissional do Bacharel em Educação Física que pretende formar.

Parágrafo 2º – A definição das competências gerais e específicas que caracterizarão o perfil acadêmico-profissional do Professor da Educação Básica, Licenciatura Plena em Educação Física, deverá pautar-se em legislação própria do Conselho Nacional de Educação.

Parágrafo 3º – Para a definição das competências de que trata o caput deste artigo deverão ser considerados os documentos legais e doutrinários (manifestos, declarações, cartas e agendas) formulados por organismos oficiais afetos direta ou indiretamente à Educação Física.

Art. 7º – Caberá à Instituição de Ensino Superior na organização curricular articular as unidades de conhecimento de formação específica e ampliada, definindo as respectivas denominações, ementas e carga horárias em coerência com o marco conceitual e as competências e habilidades almejadas para o profissional que pretende formar, devendo as mesmas contemplar as seguintes dimensões:

- a) Relação ser humano-sociedade
- b) Biológica do corpo humano
- c) Produção do conhecimento
- d) Culturais da Educação Física
- e) Técnico-instrumental
- f) Didático-pedagógico.

Parágrafo 1º – A critério da Instituição de Ensino Superior, o projeto pedagógico do

de aprofundamento, articulando as unidades de conhecimentos e de experiências que o caracterizarão.

I - No caso da Instituição de Ensino Superior optar pela proposição de núcleos temáticos de aprofundamento, poderá ser destinado para este fim até 20% da carga horária total do Curso.

Parágrafo 2º – As questões pertinentes às peculiaridades regionais, às identidades culturais, à educação ambiental, às necessidades das pessoas portadoras de deficiência e de grupos especiais deverão ser abordadas no trato dos conhecimentos da formação do Bacharel em Educação Física.

Art. 8º – Para o Curso de Formação de Professores da Educação Básica, Licenciatura Plena em Educação Física, as unidades de conhecimento específico que constituem o objeto de ensino do componente curricular Educação Física serão aquelas que tratam das dimensões culturais, técnico-instrumentais e didático-pedagógicas da Educação Física.

Art. 9º – O tempo mínimo para integralização do Curso de Bacharelado em Educação Física será definido em Resolução específica do Conselho Nacional de Educação.

Art. 10º – A formação do Bacharel em Educação Física deve assegurar a indissociabilidade teoria-prática por meio da prática como componente curricular, estágio profissional supervisionado e atividades complementares.

Parágrafo 1º – A prática como componente curricular deverá ser contemplada no projeto pedagógico, sendo vivenciada em diferentes contextos de aplicação acadêmico-profissional, desde o início do curso.

Parágrafo 2º – O estágio profissional representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício profissional em diferentes campos de intervenção, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado, e a partir da segunda metade do curso.

I – No caso da Instituição de Ensino Superior optar pela proposição de núcleos temáticos de aprofundamento, como estabelece o Art. 7º, § 1º desta Resolução, 40% da carga horária do estágio profissional supervisionado deverá ser cumprida no campo de intervenção profissional correlato.

Parágrafo 3º – As atividades complementares deverão ser incrementadas ao longo do curso, devendo a Instituição de Ensino Superior criar mecanismos e critérios de aproveitamento de conhecimentos e de experiências vivenciadas pelo aluno, por meio de estudos e práticas independentes, presenciais e/ou à distância, sob a forma de monitorias, estágios extracurriculares, programas de iniciação científica, programas de extensão, estudos complementares, congressos, seminários e cursos.

Parágrafo 4º – A carga horária para o desenvolvimento das experiências aludidas no caput deste Artigo será definida em Resolução específica do Conselho Nacional de Educação.

Art. 11 – Para a integralização da formação do Bacharel em Educação Física será exigida a

VERIFICAR SE PODEMOS EXIGIR O TCC DO LICENCIADO.

Art. 12 – Na organização do Curso de Bacharelado em Educação Física deverá ser indicada a modalidade: seriada anual, seriada semestral, sistema de créditos ou modular.

Art. 13 – A implantação e o desenvolvimento do projeto pedagógico do Curso de Bacharelado em Educação Física deverão ser acompanhados e permanentemente avaliados, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários a sua contextualização e aperfeiçoamento.

Parágrafo 1º – A avaliação deverá basear-se no domínio dos conteúdos e experiências, com vistas a garantir a qualidade da formação no sentido das competências político-social, ético-moral e técnico-profissional.

Parágrafo 2º – As metodologias e critérios empregados para o acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem e do próprio projeto pedagógico do curso deverão estar em consonância com o sistema de avaliação e o contexto curricular adotados pela Instituição de Ensino Superior.

Art. 14 – Os Cursos de Bacharelado em Educação Física que se encontrarem em funcionamento deverão adequar-se aos preceitos desta Resolução no prazo de um ano.

Parágrafo 1º – Nenhum novo curso será autorizado, a partir da vigência desta Resolução, sem que o seu projeto pedagógico seja organizado nos termos da mesma.

Parágrafo 2º – Os projetos em tramitação deverão ser restituídos aos requerentes para a devida adequação.

Art. 15 – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Educação Física e Esporte

Suor, tecnologia e marketing

Equipamentos de última geração e aulas de gestão são fundamentais para a formação de um profissional completo



Aula de natação na piscina da Unicamp

Não foram apenas o empenho dos atletas e a liderança do técnico Bernardinho que deram à seleção brasileira de vôlei masculino o oitavo título em competições mundiais e o tricampeonato da Liga Mundial, em julho de 2003. Por trás do desempenho brilhante do time verde-amarelo em quadra, existe também um grande investimento em "treinamento científico", por assim dizer.

A equipe brasileira conta também com o apoio do Grupo de Pesquisas em Fisiologia do Exercício, do Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF), no Rio de Janeiro. É nesse centro de estudos que os atletas fazem avaliações periódicas, com equipamentos de última geração, que avaliam o esforço realizado por tendões, músculos e articulações dos braços e dos ombros nos saques, nas cortadas e em outros movimentos do vôlei.

Com o resultado desses testes em mãos, o técnico define o ritmo e o tipo de treinamento ideal para cada atleta, de modo a não lesá-lo e a tirar dele o maior rendimento possível. "Além de acompanhar a seleção brasileira de vôlei, o grupo presta serviços de consultoria ao time de futebol do Fluminense, avaliando o esforço realizado pelos joelhos dos jogadores e propondo atividades de treinamento e de reabilitação adequadas para cada caso", diz Helder Guerra de Re-

Por dentro da Unicamp

Excelência no interior paulista

Num dos laboratórios da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, cercado por modernos equipamentos, um estudante observa a gravação de um jogo de futebol infantil na tela do computador. Aliando conceitos de física, computação gráfica e técnicas pedagógicas, ele estuda como as crianças se relacionam com o espaço, desenvolvem a noção de tempo e a coordenação motora nos treinos.

A idéia é que o estudante entenda como os exercícios físicos ajudam no desenvolvimento infantil. Assim, mais tarde, ele terá condições de criar e prescrever atividades que incentivem esse desenvolvimento. Esse é um dos vários projetos de iniciação científica em que se envolvem os alunos de graduação da FEF.

Esse tipo de iniciativa demonstra que Educação Física não é só treinar músculos e promover lazer. "Pesquisa é fundamental", diz o coordenador do curso, Paulo Cesar Montagner. "Nossa função, além de preparar profissionais, é formar pesquisadores e produzir conhecimento." Para produzir conhecimento é preciso, primeiro, se alimentar dele. A FEF mantém uma biblioteca com cerca de 13 mil livros, 1,5 mil teses e dissertações e quase 1,5 mil monografias de conclusão de curso, além de 36 periódicos científicos referentes à área.

Os alunos têm, ainda, acesso a cinco laboratórios: instrumentação para biomecânica, motricidade humana, fisiologia do exercício e eletromiografia, biomecânica de postura, atividade física e saúde. Nesses, o futuro profissional descobre tudo sobre os movimentos do corpo e as funções orgânicas a eles relacionadas. Todos os 35 professores têm o título de doutor e trabalham em regime de tempo integral e dedicação exclusiva.

Os estudantes têm também oportunidade de adquirir prática profissional, atuando na empresa júnior da escola, A Tempo Lúdico, fundada em 1993, foi a primeira empresa júnior de Educação Física do mundo. Inicialmente foi pensada como uma firma que atuasse exclusivamente no campo do lazer, mas com o passar dos anos essa idéia foi se transformando. Hoje, ela atua em quatro áreas: Treinamento Esportivo, Recreação e Lazer, Esportes Adaptados e Ensino Formal.

Com 50 vagas oferecidas anualmente para o período diurno e outras 50 para o noturno, o curso de Educação Física da Unicamp registra uma marca significativa: a cada 50 alunos, pelo menos 47 se formam – ou seja, o índice de evasão não ultrapassa os 6%. "É um índice baixíssimo, o que confirma a excelência da graduação", comemora o professor Montagner.

sende, diretor do Departamento de Educação Física da UGF.

Nem só de alta tecnologia é feita a qualidade de um curso de Educação Física ou de Esporte. Para qualquer uma dessas graduações, uma infraestrutura bem equipada conta muito. Salas e aparelhagem de ginástica, piscinas, quadras, pistas, ginásios e campos são condições fundamentais para que o estudante entre em contato com as diversas modalidades de esporte e de atividade física.

O que é ensinado também conta. Além das disciplinas básicas de Ciências Biológicas, um currículo bem montado inclui conceitos de administração, marketing e gestão do lazer. É que as possibilidades de trabalho não se limitam mais às aulas em escolas ou academias, no caso do profissional de Educação Física. Nem ao treinamento de atletas e times para o bacharel em Esporte.

Um dos segmentos mais aquecidos do mercado é o de marketing esportivo, em que o especialista busca patrocínio para times e clubes, além de trabalhar na organização e na promoção de torneios. "É importante que o curso dê ao aluno os conhecimentos para trabalhar em qualquer campo de atuação", diz o professor Paulo Cesar Montagner, coordenador do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Oferecer condições para que o estudante entre no mercado com alguma experiência prática é outro ponto de destaque das melhores escolas de Edu-

AS MELHORES ESCOLAS

Educação Física

★★★★★

UGF (RJ), Unicamp (SP)

★★★★★

UFMG (MG), UFSC (SC), Unesp/Rio Claro (SP), USP (SP)

★★★

Udesc (SC), UEL (PR), UEM (PR), UEPG (PR), UFPEL (RS), UFPI (PI), UFRGS (RS), UFSCar (SP), UFSM (RS), UFU (MG), UnB (DF), Unesp/Presidente Prudente (SP), UniFOA (RJ), Unimep (SP), Unioeste/Marechal Cândido Rondon (PR)

Esporte

★★★★★

USP (SP)

cação Física e Esporte do país. Os alunos da Faculdade de Educação Física da Unicamp, por exemplo, têm uma empresa júnior que presta serviços de treinamento esportivo, recreação e lazer, esportes adaptados e ensino (*veja o quadro na pág. ao lado*). As atividades de extensão constituem outro caminho para a preparação dos alunos. Além disso, as ações voltadas para a comunidade refletem a responsabilidade social da escola. Na UGF, tais ações envolvem a promoção de caminhadas, aulas de natação e recreação para crianças de escolas públicas. 

Eu estudei na USP

Professores de professores

O maior diferencial do curso de Esporte da USP é a qualidade dos professores. São referência em nossa área. São doutores que formaram grande parte dos professores e dos doutores que lecionam em outras escolas, também conceituadas. Outro diferencial forte é o incentivo à pesquisa, desde os primeiros anos da graduação. A escola tem uma incrível produção de conhecimento, que ajuda a aprimorar o trabalho profissional. Aproveitei o máximo que podia. Fiz iniciação científica, participei do intercâmbio que a escola oferece e fui para a Universidade do Porto, em Portugal, e agora estou fazendo meu mestrado, também na USP."

Leonardo Lima, 29 anos, formado em Esporte, em 2004, pela Universidade de São Paulo.

O que um bom curso tem

Curriculo A grade curricular deve ser abrangente e não focada apenas no aspecto prático da profissão. Os melhores cursos oferecem também disciplinas teóricas nas áreas de biológicas (fisiologia, anatomia), exatas (estatística) e humanas (sociologia do esporte, psicologia social, pedagogia).

Biblioteca Uma coleção de livros, periódicos e teses constantemente atualizada que abranja todos os assuntos envolvidos com a área – de biologia a marketing esportivo – garante que o aluno tenha uma visão geral de todas as possibilidades de atuação.

Laboratórios Equipamentos modernos e em bom estado de funcionamento permitem ao aluno treinar a teoria aprendida em sala de aula e, mais, participar da produção de pesquisa da escola nas áreas de fisiologia, desempenho físico e comportamento motor.

Estrutura física Para complementar as pesquisas e para ter contato com as diversas práticas esportivas, o aluno precisa ter acesso a quadras poliesportivas (basquete, vôlei, futebol de salão), piscinas, campos de futebol, salas de ginástica e pistas de atletismo.

Corpo Docente Como para todos os cursos universitários, quanto mais doutores no corpo docente, com dedicação exclusiva à escola, maior é o incentivo à pesquisa. Mas são importantes, também, os professores que atuam no mercado, para trazer uma visão realista e atual do que se espera do profissional.

Intercâmbios Fazer um período de estudos no exterior é uma experiência valiosa na vida do estudante. A Escola de Educação Física da USP, por exemplo, mantém intercâmbio com a Universidade do Porto, em Portugal, onde os alunos da graduação passam seis meses.

Extensão universitária As atividades desenvolvidas, no geral, para a comunidade, sob a supervisão dos professores, são uma maneira interessante de atuar profissionalmente ainda durante a graduação. Além disso, o aluno participa de uma das funções principais da universidade, a de prestar serviços à sociedade.

Empresa Júnior Nesta, o aluno pratica os conhecimentos acadêmicos, atendendo clientes sob a supervisão dos professores. Uma das tarefas comuns é desenvolver programas de ginástica para empregados de empresas da região onde está a escola.